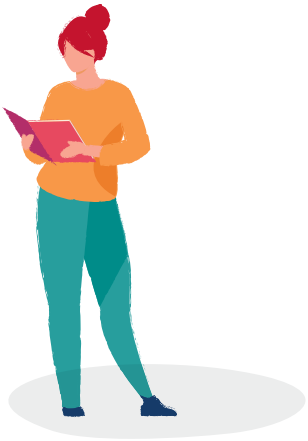
FILOSOFIA 10.º ANO

Texto



DESTAQUES

- Equilíbrio entre a clareza da linguagem e o rigor filosófico
- Imagens relevantes
- Utilização de instrumentos facilitadores da compreensão
- Exercícios frequentes
- Estrutura intuitiva
- Grande diversidade de recursos

Dossiê do Professor | Manual do Professor | Manual do Aluno | Caderno do Aluno

aula digital

www.duvidametodica10.te.pt

ONLINE OFFLINE DOWNLOAD

1 Equilíbrio entre a clareza da linguagem e o rigor filosófico

Texto didático claro, fornecendo uma explicação acessível, sem pressupor conhecimentos que os alunos não têm.

PROFESSOR

Dossiê do Professor
Questões-aula cap. 4
Banco de questões cap. 4
Testes cap. 4
Textos complementares cap. 4
Sugestões de articulação interdisciplinar e C&D
Cidadania e Desenvolvimento

aula digital
Exclusivo do Professor
- Apresentação PPT – cap. 4
- Banco de imagens – cap. 4
- Banco de esquemas interativos – cap. 4

Os valores

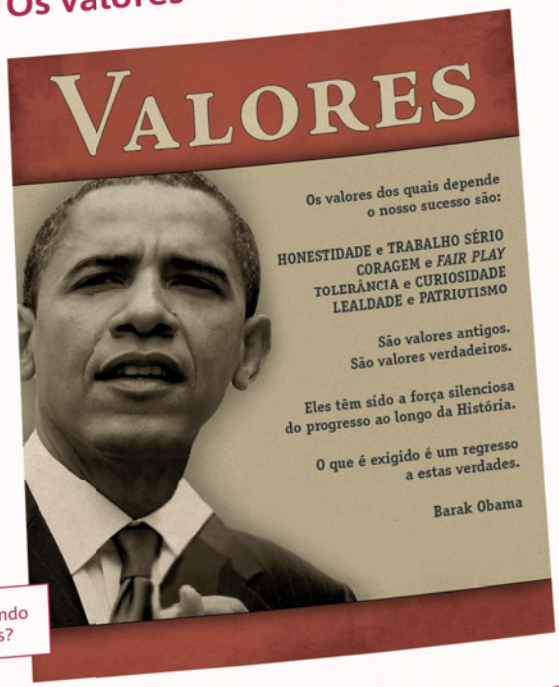


FIG. 4.2 Do que falamos quando falamos de valores?

Os valores podem orientar as nossas ações

O sentido dado à palavra «valores» noutros contextos, por exemplo, em Economia, é bastante diferente.

Já todos ouvimos alguém dizer frases como «Os meus valores não me permitem fazer isso», «Estou aqui para defender os nossos valores» ou «A honestidade é um valor que prezo ainda mais do que a amizade». O que são valores? Quando a palavra é usada desse modo significa, aproximadamente, o mesmo que princípios ou ideais. Por exemplo: verdade, liberdade, justiça, solidariedade, lealdade, beleza, etc.

Chama-se Axiologia à teoria ou estudo filosófico dos valores.

Um **valor** é, então, algo muito estimável, que merece ser defendido, procurado ou realizado, ou seja, uma meta importante a atingir.

Existem valores de diversos tipos. Os valores éticos ou morais, estéticos e religiosos são particularmente relevantes em termos filosóficos, mas também se pode falar de valores políticos, desportivos, etc. Neste capítulo vamos estudar apenas os valores éticos ou morais.

A **ética** ou **moral** diz respeito à diferença entre o certo e o errado, entre o que devemos e não devemos fazer.

Notas ao longo do texto didático:

- esclarecem termos que o aluno pode desconhecer;
- fornecem informações adicionais;
- reforçam ideias.

Alguns tipos de valores	Exemplos
Éticos ou morais	Bondade, honestidade, justiça, amizade, lealdade, solidariedade, liberdade, etc.
Estéticos	Beleza, graciosidade, elegância, harmonia, expressividade, emotividade, etc.
Religiosos	Sagrado, fé, perfeição, santidade, etc.

Os valores em que as pessoas acreditam inspiram ou influenciam aquilo que elas pensam, querem e fazem. Muitas **ações humanas** são, portanto, motivadas pelos valores.

«Os seus valores – as suas ideias acerca do certo e do errado, do bem e do mal, do bonito e do feio e assim por diante – estão tão intrincadamente ligados à sua vida interior e exterior (por exemplo, às suas motivações assim como a cada ação que desempenha) que, sem eles, seria difícil continuar a viver uma vida humana que se reconheça como tal.»

Daniel Kolak e Raymond Martin, *Sabedoria sem Respostas – Uma Breve Introdução à Filosofia*, Temas & Debates, Lisboa, 2004, p. 145 (adaptado)

PROFESSOR

Nota

As fronteiras não são rígidas e, por isso, certos valores podem pertencer a grupos diferentes ou estar na sua «fronteira». Por exemplo: a liberdade é simultaneamente um valor ético e um valor político; a bondade, numa certa interpretação é um valor ético, mas noutra é um valor religioso; a perfeição é um valor religioso, mas também pode ser considerada um valor estético; etc.

Exertos de textos filosóficos, curtos e compreensíveis que apoiam a explicação.

Por exemplo, o político sul-africano Nelson Mandela passou a maior parte da sua vida a lutar pela liberdade, democracia e direitos humanos (tendo estado 27 anos na prisão devido a isso).

FIG. 4.3 Fotografia tirada em 11 de fevereiro de 1990, o dia em que Nelson Mandela (1918-2013) foi libertado de uma prisão na África do Sul.

«Dediquei toda a minha vida à luta do povo africano. Tenho lutado contra o domínio dos brancos, tal como tenho lutado contra o domínio dos negros. Sempre defendi o ideal de uma sociedade democrática e livre, em que todas as pessoas possam viver juntas em harmonia e dispor das mesmas oportunidades. É por esse ideal que espero viver para um dia o concretizar. Mas se necessário for, é um ideal pelo qual estou preparado para morrer.»

Excerto do final do discurso que Mandela proferiu no banco dos réus no julgamento de Rivonia, a 20 de abril de 1964.

Nelson Mandela, *Arquivo Íntimo*, Editora Objetiva, Carnaxide, 2010, p. 122

157

Evidencia a relação dos problemas filosóficos com a vida humana e as vivências dos alunos.

Imagens compreensíveis, estimulantes e informativas. Cada imagem é acompanhada de uma questão promotora da reflexão.

Tipos de ação e valor moral

Uma pessoa dotada de boa vontade não realizará ações contrárias ao dever e agirá, pelo contrário, por dever. Mas o que é agir por dever?

FIG. 5.8

Na perspetiva de Kant, este ato terá valor moral?

As ações **contrárias ao dever** são, obviamente, ações erradas e que não devemos fazer (ou seja, são ações que não passam no teste do imperativo categórico: a sua máxima não é universalizável e não respeitam as pessoas envolvidas como fins em si mesmas). São imorais. Por exemplo, um empresário que corrompe um político realiza uma ação contrária ao dever.

As ações **por dever** são as ações que realizamos porque reconhecemos racionalmente que são corretas: fazemos o dever pelo dever, a única intenção que temos ao realizá-las é cumprir o dever. Essas ações têm valor moral e o facto de as realizarmos é merecedor de estima e respeito. Por exemplo, se alguém encontra uma carteira e, podendo ficar com ela (pois tem a certeza de que ninguém a viu apanhá-la), a devolve ao dono (mas anonimamente, sem que este perceba sequer quem o ajudou) realiza, em princípio, uma ação por dever.

> «Uma ação praticada por dever tem o seu valor moral, *não no propósito* que com ela se quer atingir, mas na máxima que a determina; não depende portanto da realidade do objeto da ação, mas somente do *princípio do querer* segundo o qual a ação, abstraindo de todos os objetos da faculdade de desejar, foi praticada. (...) [O valor moral] não pode residir em mais parte alguma se não no princípio da vontade, abstraindo os fins que possam ser realizados por tal ação.»
>
> Immanuel Kant, *ibid.*, p. 31

Trata-se de uma ideia que Kant considera fundamental e ele exprime-a de maneiras diferentes, para a sublinhar e para a clarificar:

> «O valor moral da ação não reside, portanto, no efeito que dela se espera (...). Quando se fala de valor moral, não é das ações visíveis que se trata, mas dos seus princípios íntimos que não se veem.»
>
> Immanuel Kant, *ibid.*, pp. 32 e 42

PROFESSOR

Nota

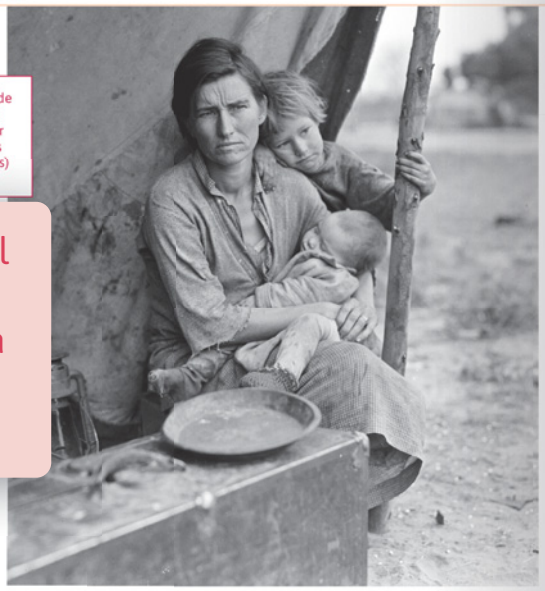
Acerca do conceito de «ação praticada por dever» e da dificuldade de reconhecer essas ações em exemplos, consultar por favor a pág. XX do Dossiê.

Bill Watterson *Calvin & Hobbes*

BANCO DE IMAGENS na Aula Digital inclui todas as imagens do manual para projeção e exploração em sala de aula. Disponível também em formato PPT.

p.174

FIG. 4.16
Apesar da diversidade cultural, algumas normas morais (por exemplo, devemos proteger as crianças) serão universais?



A fotógrafa Dorothea Lange tirou esta fotografia durante o período da Grande Depressão nos EUA e atribuiu-lhe a seguinte legenda: «Família de trabalhador agrícola migrante. Sete filhos sem comida. Mãe de 32 anos, pai natural da Califórnia. Março de 1936.»

O objetivismo

O **objetivismo** defende a seguinte tese acerca da natureza dos juízos de valor morais:

Alguns juízos de valor morais são **objetivos**.

Dizer que um juízo de valor moral é objetivo significa que a sua verdade ou falsidade não depende de uma determinada perspetiva: é independente dos sentimentos da pessoa e da sua cultura.

É de salientar que não se trata de defender que todos os juízos de valor morais são objetivos. Um defensor da teoria pode admitir que alguns juízos de valor morais são subjetivos e outros são culturalmente relativos.

Um objetivista pode aceitar, por exemplo, que «é uma falta de respeito não vestir de preto (luto) quando morre um familiar» e «Não é uma falta de respeito não vestir de preto (luto) quando morre um familiar» não são juízos objetivos – a sua verdade ou falsidade depende das tradições em que a pessoa foi educada e possivelmente dos seus sentimentos e, por isso, um não é objetivamente melhor do que o outro.

Bill Watterson, *Calvin & Hobbes*

p.118

FIG. 3.7
A possibilidade de optar é real ou fictícia?

A ilusão do livre-arbítrio

Segundo os deterministas radicais, a crença no livre-arbítrio é muito comum, mas é falsa. Os seres humanos pensam que escolhem livremente o que fazer; todavia, isso é uma **ilusão**: se conhecessem todas as inúmeras causas que os influenciam, perceberiam que fazem unicamente o que têm de fazer.

> «É a grande complicação do movimento no ser humano, é a diversidade da sua ação, é a multiplicidade das causas que o movem, simultânea ou sucessivamente, que o persuadem de que é um agente livre; se todos os seus movimentos fossem simples, se as causas que o movem se não confundissem entre si, se fossem distintas, se a sua máquina fosse menos complicada, compreenderia que todas as suas ações são necessárias.»

3 Utilização de instrumentos facilitadores da compreensão

Esquemas, tabelas, clarificação de conceitos, sínteses e exemplos ilustrados.

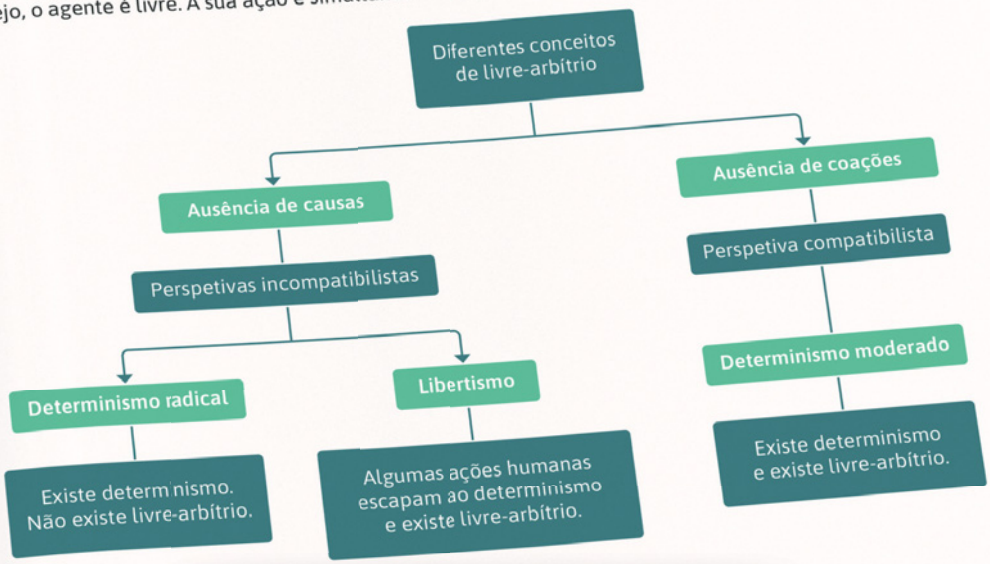
«Suponha-se que alguém quer sair de uma sala mas não é capaz visto que está algemado ao chão. Neste caso, não é livremente que essa pessoa permanece na sala. É obrigado a manter-se nela quer queira quer não. A sua ação não se encontra sob o controlo das suas crenças e desejos.

Eis um outro exemplo de ação não-livre. Suponha-se que submeti alguém a uma operação ao cérebro. Desliguei as crenças e desejos dessa pessoa dos nervos que enviam impulsos para o resto do seu corpo. Também lhe implantei um transmissor de rádio para que o seu corpo receba as minhas instruções. Agora são as minhas crenças e desejos que ditam o que essa pessoa faz e diz. Nesta situação, o corpo dessa pessoa tornar-se-ia um robô – seria um escravo da minha vontade. Faria o que eu quero porque é esse o meu desejo. Poderia ver-se essa pessoa a beber água, a depositar dinheiro na minha conta bancária, e assim por diante. Mas tal pessoa não faria nenhuma destas coisas de livre vontade.»

Elliott Sober, «A Teoria Determinista Moderada de David Hume», *Crítica* – https://criticanarede.com/eti_liberdade.html (consultado em 1/11/2020)

No **Analisa textos** (páginas 148-151), encontras textos, acompanhados de guiões, que abordam esta temática.

O desejo do agente é o último elemento de uma cadeia causal constituída por causas que o agente não controla, mas que não lhe retiram a liberdade. Desde que nenhuma coação ou compulsão o impeça de agir de acordo com esse desejo, o agente é livre. A sua ação é simultaneamente determinada e livre.



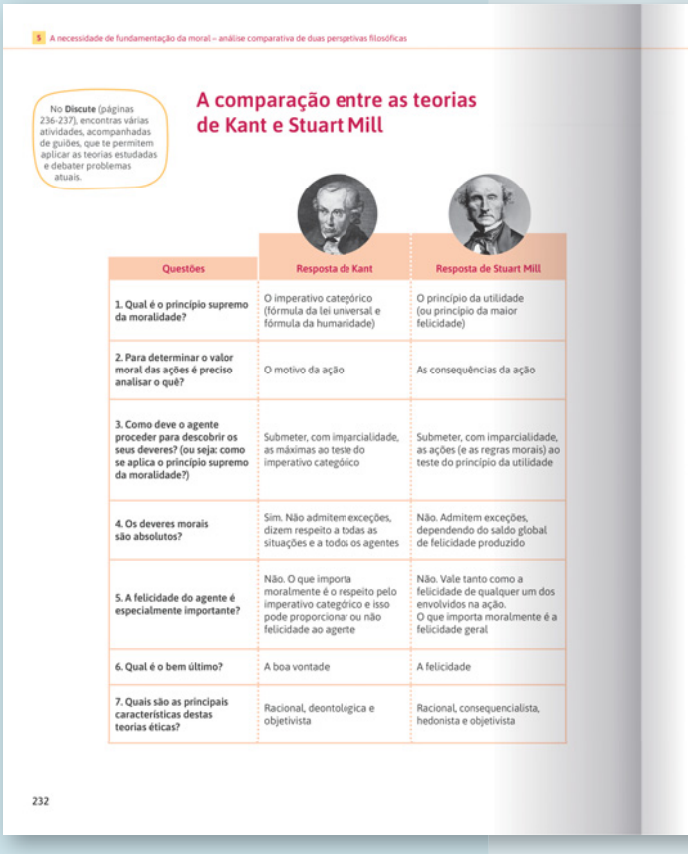
BANCO DE ESQUEMAS INTERATIVOS na Aula Digital inclui todos os esquemas do manual para projeção e exploração em sala de aula. Disponível em formato PPT.

Criticar significa analisar, examinar, avaliar (e não necessariamente dizer mal); não crítico ou acrítico significa não examinado.

Argumento, raciocínio e inferência têm geralmente um significado semelhante.

Ser dogmático é recusar debater algo em que se acredita.

p. 232



5 A necessidade de fundamentação da moral – análise comparativa de duas perspetivas filosóficas

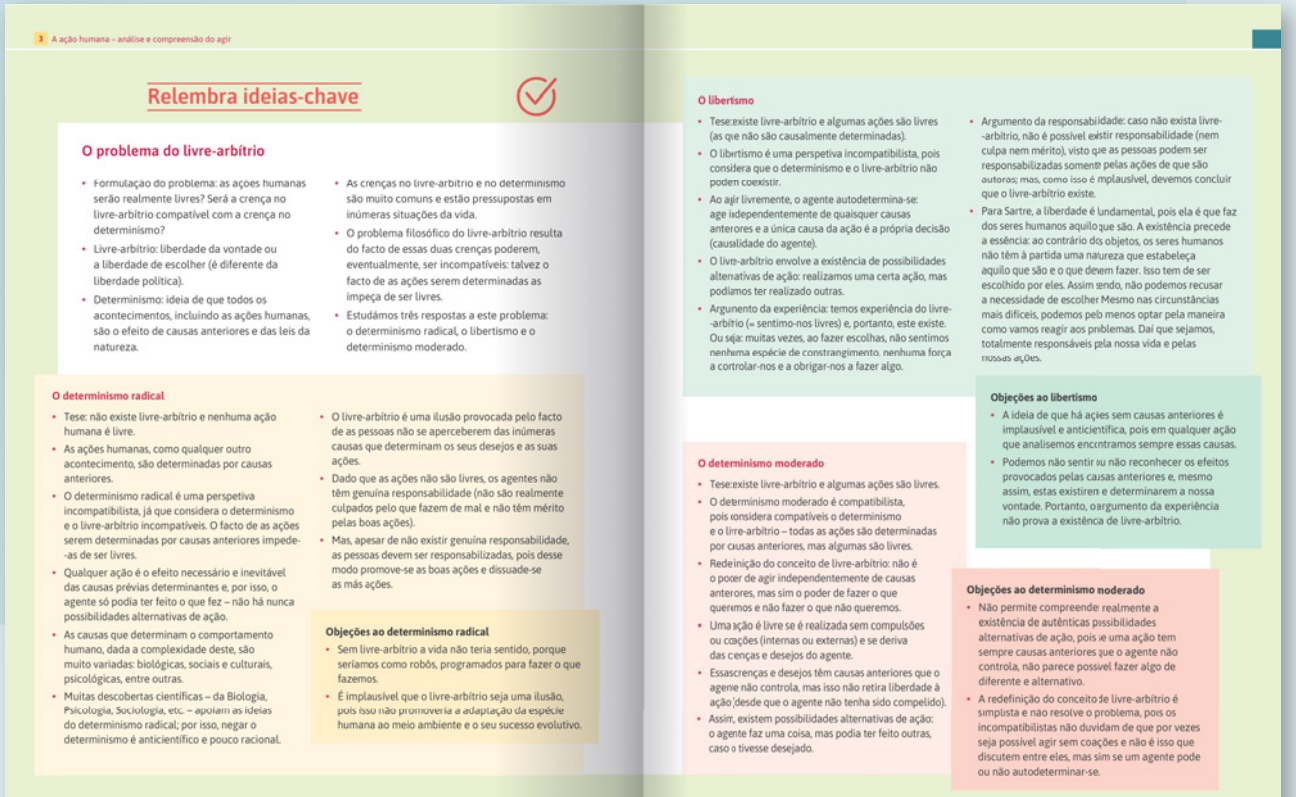
No **Discute** (páginas 236-237), encontras várias atividades, acompanhadas de guiões, que te permitem aplicar as teorias estudadas e debater problemas atuais.

A comparação entre as teorias de Kant e Stuart Mill

Questões	Resposta de Kant	Resposta de Stuart Mill
1. Qual é o princípio supremo da moralidade?	O imperativo categórico (fórmula da lei universal e fórmula da humaridade)	O princípio da utilidade (ou princípio da maior felicidade)
2. Para determinar o valor moral das ações é preciso analisar o quê?	O motivo da ação	As consequências da ação
3. Como deve o agente proceder para descobrir os seus deveres? (ou seja: como se aplica o princípio supremo da moralidade?)	Submeter, com imparcialidade, as máximas ao teste do imperativo categóico	Submeter, com imparcialidade, as ações (e as regras morais) ao teste do princípio da utilidade
4. Os deveres morais são absolutos?	Sim. Não admitem exceções, dizem respeito a todas as situações e a todos os agentes	Não. Admitem exceções, dependendo do saldo global de felicidade produzido
5. A felicidade do agente é especialmente importante?	Não. O que importa moralmente é o respeito pelo imperativo categórico e isso pode proporcionar ou não felicidade ao agente	Não. Vale tanto como a felicidade de qualquer um dos envolvidos na ação. O que importa moralmente é a felicidade geral
6. Qual é o bem último?	A boa vontade	A felicidade
7. Quais são as principais características destas teorias éticas?	Racional, deontológica e objetivista	Racional, consequencialista, hedonista e objetivista

232

pp. 142-143



3 A ação humana – análise e compreensão do agir

Relembra ideias-chave

O problema do livre-arbítrio

- Formulação do problema: as ações humanas serão realmente livres? Será a crença no livre-arbítrio compatível com a crença no determinismo?
- Livre-arbítrio: liberdade da vontade ou a liberdade de escolher (é diferente da liberdade política).
- Determinismo: ideia de que todos os acontecimentos, incluindo as ações humanas, são o efeito de causas anteriores e das leis da natureza.
- As crenças no livre-arbítrio e no determinismo são muito comuns e estão pressupostas em inúmeras situações da vida.
- O problema filosófico do livre-arbítrio resulta do facto de essas duas crenças poderem, eventualmente, ser incompatíveis: talvez o facto de as ações serem determinadas as impeça de ser livres.
- Estudámos três respostas a este problema: o determinismo radical, o libertismo e o determinismo moderado.

O determinismo radical

- Tese: não existe livre-arbítrio e nenhuma ação humana é livre.
- As ações humanas, como qualquer outro acontecimento, são determinadas por causas anteriores.
- O determinismo radical é uma perspetiva incompatibilista, já que considera o determinismo e o livre-arbítrio incompatíveis. O facto de as ações serem determinadas por causas anteriores impede-as de ser livres.
- Qualquer ação é o efeito necessário e inevitável das causas prévias determinantes e, por isso, o agente só podia ter feito o que fez – não há nunca possibilidades alternativas de ação.
- As causas que determinam o comportamento humano, dada a complexidade deste, são muito variadas: biológicas, sociais e culturais, psicológicas, entre outras.
- Muitas descobertas científicas – da Biologia, Psicologia, Sociologia, etc. – apoiam as ideias do determinismo radical; por isso, negar o determinismo é anticientífico e pouco racional.
- O livre-arbítrio é uma ilusão provocada pelo facto de as pessoas não se aperceberem das inúmeras causas que determinam os seus desejos e as suas ações.
- Dado que as ações não são livres, os agentes não têm genuína responsabilidade (não são realmente culpados pelo que fazem de mal e não têm mérito pelas boas ações).
- Mas, apesar de não existir genuína responsabilidade, as pessoas devem ser responsabilizadas, pois desse modo promove-se as boas ações e dissuade-se as más ações.

Objeções ao determinismo radical

- Sem livre-arbítrio a vida não teria sentido, porque seríamos como robôs, programados para fazer o que fazemos.
- É implausível que o livre-arbítrio seja uma ilusão, pois isso não promoveria a adaptação da espécie humana ao meio ambiente e o seu sucesso evolutivo.

O libertismo

- Tese: existe livre-arbítrio e algumas ações são livres (as que não são causalmente determinadas).
- O libertismo é uma perspetiva incompatibilista, pois considera que o determinismo e o livre-arbítrio não podem coexistir.
- Ao agir livremente, o agente autodetermina-se: age independentemente de quaisquer causas anteriores e a única causa da ação é a própria decisão (causalidade do agente).
- O livre-arbítrio envolve a existência de possibilidades alternativas de ação: realizamos uma certa ação, mas podíamos ter realizado outras.
- Argumento da experiência: temos experiência do livre-arbítrio (= sentimo-nos livres) e, portanto, este existe. Ou seja: muitas vezes, ao fazer escolhas, não sentimos nenhuma espécie de constrangimento, nenhuma força a controlar-nos e a obrigar-nos a fazer algo.
- Argumento da responsabilidade: caso não exista livre-arbítrio, não é possível existir responsabilidade (nem culpa nem mérito), visto que as pessoas podem ser responsabilizadas somente pelas ações de que são autoras; mas, como isso é implausível, devemos concluir que o livre-arbítrio existe.
- Para Sartre, a liberdade é fundamental, pois ela é que faz dos seres humanos aquilo que são. A existência precede a essência: ao contrário dos objetos, os seres humanos não têm à partida uma natureza que estabeleça aquilo que são e o que devem fazer. Isso tem de ser escolhido por eles. Assim sendo, não podemos recusar a necessidade de escolher. Mesmo nas circunstâncias mais difíceis, podemos pelo menos optar pela maneira como vamos reagir aos problemas. Daí que sejamos, totalmente responsáveis pela nossa vida e pelas nossas ações.

Objeções ao libertismo

- A ideia de que há ações sem causas anteriores é implausível e anticientífica, pois em qualquer ação que analisemos encontramos sempre essas causas.
- Podemos não sentir ou não reconhecer os efeitos provocados pelas causas anteriores e, mesmo assim, estas existiren e determinarem a nossa vontade. Portanto, oargumento da experiência não prova a existência de livre-arbítrio.

O determinismo moderado

- Tese: existe livre-arbítrio e algumas ações são livres.
- O determinismo moderado é compatibilista, pois considera compatíveis o determinismo e o livre-arbítrio – todas as ações são determinadas por causas anteriores, mas algumas são livres.
- Redefinição do conceito de livre-arbítrio: não é o poder de agir independentemente de causas anteriores, mas sim o poder de fazer o que queremos e não fazer o que não queremos.
- Uma ação é livre se é realizada sem compulsões ou coações (internas ou externas) e se deriva das crenças e desejos do agente.
- Essas crenças e desejos têm causas anteriores que o agente não controla, mas isso não retira liberdade à ação (desde que o agente não tenha sido compelido).
- Assim, existem possibilidades alternativas de ação: o agente faz uma coisa, mas podia ter feito outras, caso o tivesse desejado.

Objeções ao determinismo moderado

- Não permite compreender realmente a existência de autênticas possibilidades alternativas de ação, pois se uma ação tem sempre causas anteriores que o agente não controla, não parece possível fazer algo de diferente e alternativo.
- A redefinição do conceito de livre-arbítrio é simplista e não resolve o problema, pois os incompatibilistas não duvidam de que por vezes seja possível agir sem coações e não é isso que discutem entre eles, mas sim se um agente pode ou não autodeterminar-se.

4 Exercícios frequentes

Exercícios frequentes de revisão e aplicação, ao longo dos capítulos, complementados por uma ficha formativa no final de cada capítulo.

Exercita IV

1. Se P for falsa e Q verdadeira, qual é o valor de verdade de P ∧ Q? Porquê?
2. Se P for falsa e Q verdadeira, qual é o valor de verdade de ¬ P ∧ Q? Porquê?
3. «Xavier é português ou não é português.» É uma disjunção inclusiva ou exclusiva? Porquê?
4. «A sobremesa é bolo de chocolate ou abacate.» Se a sobremesa for abacate, a disjunção é verdadeira ou falsa? Porquê?
5. ¬P ⟶ Q. Se P for falsa e Q verdadeira, qual é o valor de verdade dessa forma proposicional? Porquê?
6. Mostra, através de uma tabela de verdade, quais são as condições de verdade de: ¬ (¬P ∨ ¬Q).
7. Compara através de tabelas de verdade as seguintes formas proposicionais: ¬ (P ∧ Q) e ¬P ∧ ¬Q. O que concluis?
8. Compara, através de tabelas de verdade, as seguintes formas proposicionais: P ⟶ Q e P ∧ ¬Q. O que concluis?
9. Justifica, através de tabelas de verdade, a seguinte afirmação: (P ⟶ Q) ∧ (Q ⟶ P) é equivalente a P ⟷ Q.
10. Completa as tabelas de verdade a seguir apresentadas, indicando o valor de verdade que corresponde a cada uma das alíneas.

10.1

P	Q	(¬P ∨ Q) ⟶ (P ⟷ ¬Q)
V	V	F V V F V D. F
V	F	F B. F V V V V
F	V	A. V V V F E. F
F	F	V V F C. F F F.

10.2

P	Q	(¬P ∧ ¬Q) ⟷ ¬ (P v̇ Q)
V	V	F B. F D. V F
V	F	F F V V E. V
F	V	V F C. V F V
F	F	A. V V V V F.

PROFESSOR

Respostas

1. Nessa circunstância, a forma proposicional P ∧ Q é falsa, pois esta só é verdadeira quando ambas as conjuntas são verdadeiras.

2. Nessa circunstância, a forma proposicional ¬ P ∧ Q é verdadeira, pois, se P é falsa, ¬ P é verdadeira, e por isso ambas as conjuntas são verdadeiras.

3. É uma disjunção exclusiva, pois não é possível as disjuntas serem simultaneamente verdadeiras. Como a negação inverte o valor de verdade das proposições, uma proposição e a sua negação nunca podem ser simultaneamente verdadeiras e, portanto, a disjunção entre ambas é exclusiva.

4. Nessa circunstância a disjunção (inclusiva) será verdadeira, pois se a sobremesa for abacate pelo menos uma das disjuntas será verdadeira e basta isso para a disjunção ser verdadeira (se a sobremesa também incluir bolo de chocolate, ambas as disjuntas serão verdadeiras e a disjunção será igualmente verdadeira).

5. Nessa circunstância, a condicional será verdadeira, pois, se P é falsa, ¬P é verdadeira, e nesse caso tanto a antecedente como a consequente serão verdadeiras.

6.

P	Q	¬ (¬ P v ¬ Q)
V	V	V F F F
V	F	F F V V
F	V	F V V F
F	F	F V V V

As condições de verdade da fórmula apresentada encontram-se na coluna assinalada.

7.

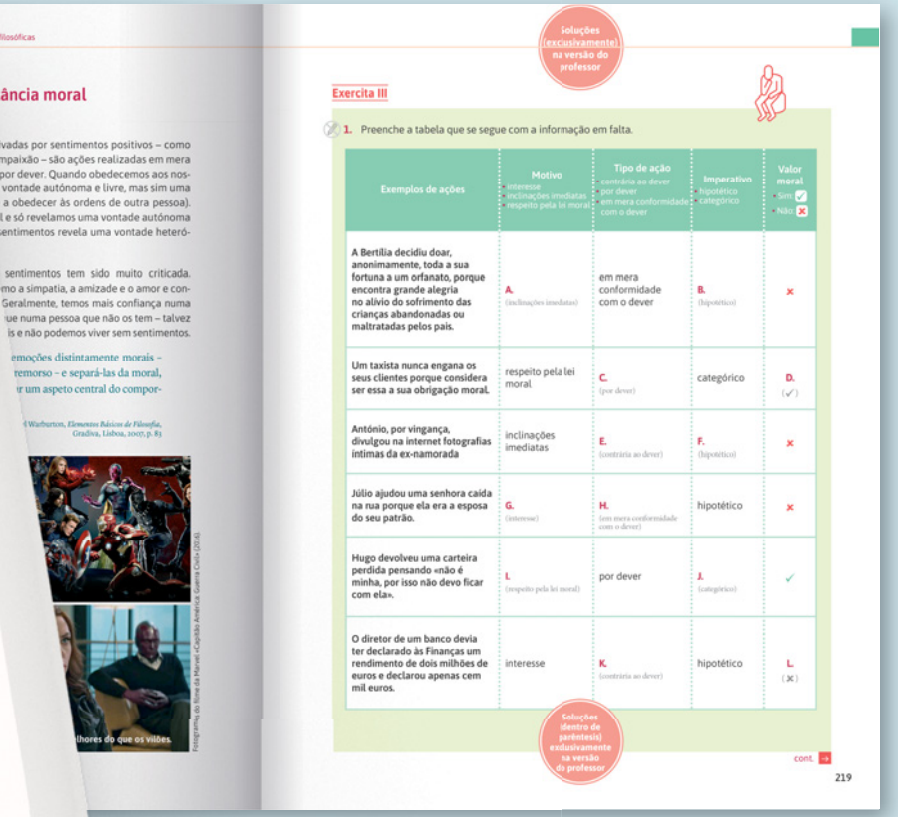
P	Q	¬ (P ∧ Q)	¬ P ∧ ¬Q
V	V	F V	F F F
V	F	V F	F F V
F	V	V F	V F F
F	F	V F	V V V

Conclui-se que as duas formas proposicionais não são equivalentes. A primeira é a negação de uma conjunção e a segunda é uma conjunção em que ambas as conjuntas são negações.

Nota: comparar através de tabelas de verdade estas formas proposicionais pode ser útil para mostrar a forma correta de formalizar proposições como «Não é verdade que o fado é um género musical espanhol e baseado no flamenco», ¬ (P ∧ Q) e «O fado não é um género musical espanhol nem é baseado no flamenco» (¬P ∧ ¬Q).

Respostas às restantes questões no Dossiê, Resoluções (manual)

p. 219



Soluções (exclusivamente) na versão do professor

Exercita III

1. Preenche a tabela que se segue com a informação em falta.

Exemplos de ações	Motivo (interesse; inclinações imediatas; respeito pela lei moral)	Tipo de ação (contrária ao dever; por dever; em mera conformidade com o dever)	Imperativo (hipotético; categórico)	Valor moral (Sim ✓; Não ✗)
A Bertília decidiu doar, anonimamente, toda a sua fortuna a um orfanato, porque encontra grande alegria no alívio do sofrimento das crianças abandonadas ou maltratadas pelos pais.	A. (inclinações imediatas)	em mera conformidade com o dever	B. (hipotético)	✗
Um taxista nunca engana os seus clientes porque considera ser essa a sua obrigação moral.	respeito pela lei moral	C. (por dever)	categórico	D. (✓)
António, por vingança, divulgou na internet fotografias íntimas da ex-namorada	inclinações imediatas	E. (contrária ao dever)	F. (hipotético)	✗
Júlio ajudou uma senhora caída na rua porque ela era a esposa do seu patrão.	G. (interesse)	H. (em mera conformidade com o dever)	hipotético	✗
Hugo devolveu uma carteira perdida pensando «não é minha, por isso não devo ficar com ela».	I. (respeito pela lei moral)	por dever	J. (categórico)	✓
O diretor de um banco devia ter declarado às Finanças um rendimento de dois milhões de euros e declarou apenas cem mil euros.	interesse	K. (contrária ao dever)	hipotético	L. (✗)

Soluções (dentro de parêntesis) exclusivamente na versão do professor

cont.

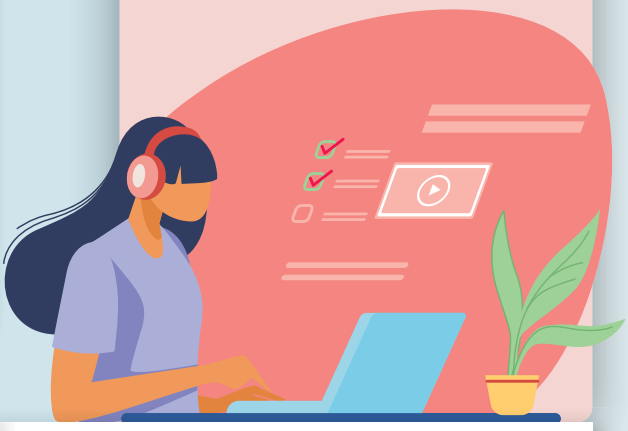
219

DOSSIÊ DO PROFESSOR

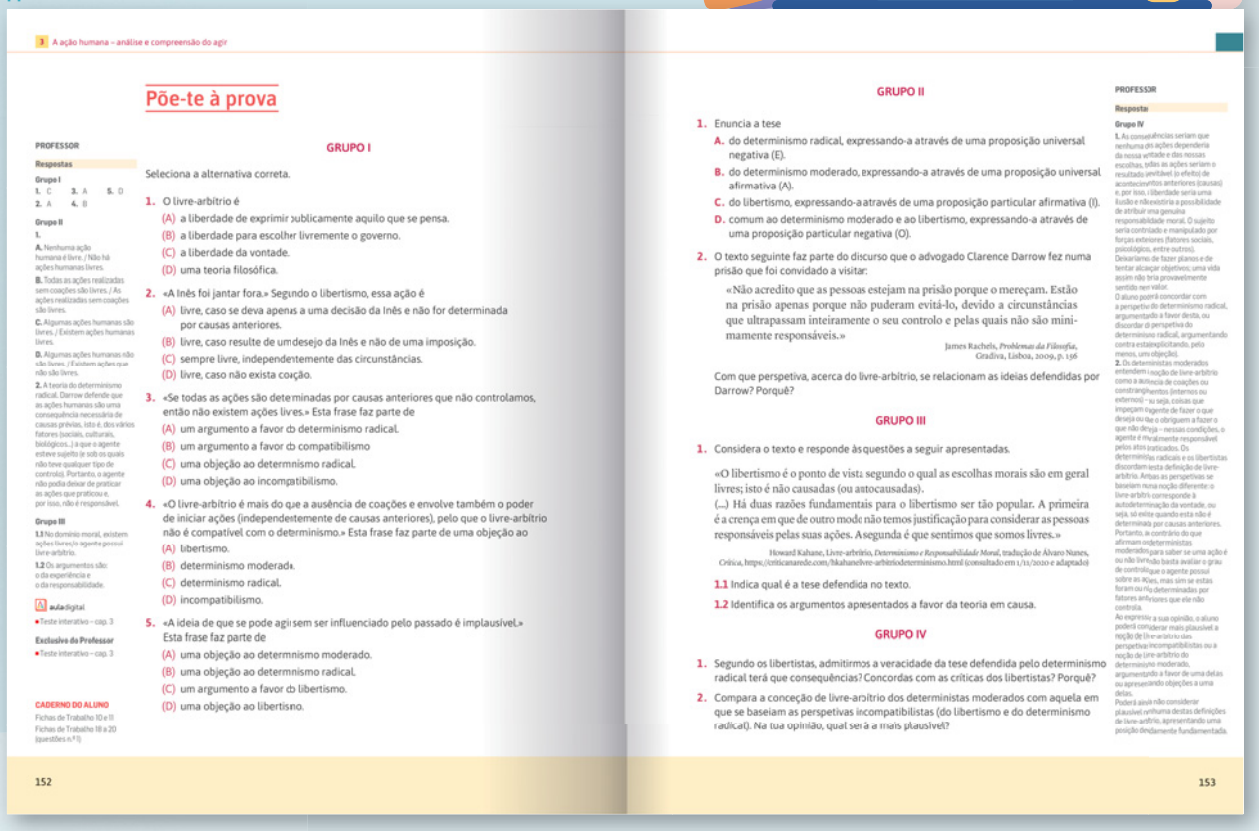
- Questões-aula
- Testes
- Banco de questões

AULA DIGITAL

- Kahoot
- Testes interativos



pp. 152-153



3 A ação humana – análise e compreensão do agir

Põe-te à prova

PROFESSOR

Respostas

Grupo I
1. C 3. A 5. D
2. A 4. B

Grupo II
1.
A. Nenhuma ação humana é livre. / Não há ações humanas livres.
B. Todas as ações realizadas sem coações são livres. / As ações realizadas sem coações são livres.
C. Algumas ações humanas são livres. / Existem ações humanas livres.
D. Algumas ações humanas não são livres. / Existem ações que não são livres.
2. A teoria do determinismo radical, Darrow defende que as ações humanas são uma consequência necessária de causas prévias, isto é, dos vários fatores (sociais, culturais, biológicos...) a que o agente esteve sujeito (e sob os quais não teve qualquer tipo de controlo). Portanto, o agente não podia deixar de praticar as ações que praticou e, por isso, não é responsável.

Grupo III
1.1 No domínio moral, existem ações livres/o agente possui livre-arbítrio.
1.2 Os argumentos são: o da experiência e o da responsabilidade.

aula digital
• Teste interativo – cap. 3

Exclusivo do Professor
• Teste interativo – cap. 3

CADERNO DO ALUNO
Fichas de Trabalho 10 e 11
Fichas de Trabalho 18 a 20 (questões n.º 1)

GRUPO I

Seleciona a alternativa correta.

1. O livre-arbítrio é
   (A) a liberdade de exprimir publicamente aquilo que se pensa.
   (B) a liberdade para escolher livremente o governo.
   (C) a liberdade da vontade.
   (D) uma teoria filosófica.
2. «A Inês foi jantar fora.» Segundo o libertismo, essa ação é
   (A) livre, caso se deva apenas a uma decisão da Inês e não for determinada por causas anteriores.
   (B) livre, caso resulte de um desejo da Inês e não de uma imposição.
   (C) sempre livre, independentemente das circunstâncias.
   (D) livre, caso não exista coação.
3. «Se todas as ações são determinadas por causas anteriores que não controlamos, então não existem ações livres.» Esta frase faz parte de
   (A) um argumento a favor do determinismo radical.
   (B) um argumento a favor do compatibilismo
   (C) uma objeção ao determinismo radical.
   (D) uma objeção ao incompatibilismo.
4. «O livre-arbítrio é mais do que a ausência de coações e envolve também o poder de iniciar ações (independentemente de causas anteriores), pelo que o livre-arbítrio não é compatível com o determinismo.» Esta frase faz parte de uma objeção ao
   (A) libertismo.
   (B) determinismo moderado.
   (C) determinismo radical.
   (D) incompatibilismo.
5. «A ideia de que se pode agir sem ser influenciado pelo passado é implausível.» Esta frase faz parte de
   (A) uma objeção ao determinismo moderado.
   (B) uma objeção ao determinismo radical.
   (C) um argumento a favor do libertismo.
   (D) uma objeção ao libertismo.

GRUPO II

1. Enuncia a tese
   A. do determinismo radical, expressando-a através de uma proposição universal negativa (E).
   B. do determinismo moderado, expressando-a através de uma proposição universal afirmativa (A).
   C. do libertismo, expressando-a através de uma proposição particular afirmativa (I).
   D. comum ao determinismo moderado e ao libertismo, expressando-a através de uma proposição particular negativa (O).
2. O texto seguinte faz parte do discurso que o advogado Clarence Darrow fez numa prisão que foi convidado a visitar:

   «Não acredito que as pessoas estejam na prisão porque o mereçam. Estão na prisão apenas porque não puderam evitá-lo, devido a circunstâncias que ultrapassam inteiramente o seu controlo e pelas quais não são minimamente responsáveis.»

   James Rachels, *Problemas da Filosofia*, Gradiva, Lisboa, 2009, p. 136

   Com que perspetiva, acerca do livre-arbítrio, se relacionam as ideias defendidas por Darrow? Porquê?

GRUPO III

1. Considera o texto e responde às questões a seguir apresentadas.

   «O libertismo é o ponto de vista segundo o qual as escolhas morais são em geral livres; isto é não causadas (ou autocausadas).
   (...) Há duas razões fundamentais para o libertismo ser tão popular. A primeira é a crença em que de outro modo não temos justificação para considerar as pessoas responsáveis pelas suas ações. A segunda é que sentimos que somos livres.»

   Howard Kahane, Livre-arbítrio, *Determinismo e Responsabilidade Moral*, tradução de Álvaro Nunes, Crítica, https://criticanarede.com/hkahanelivre-arbitriodeterminismo.html (consultado em 1/11/2020 e adaptado)

   1.1 Indica qual é a tese defendida no texto.
   1.2 Identifica os argumentos apresentados a favor da teoria em causa.

GRUPO IV

1. Segundo os libertistas, admitirmos a veracidade da tese defendida pelo determinismo radical terá que consequências? Concordas com as críticas dos libertistas? Porquê?
2. Compara a conceção de livre-arbítrio dos deterministas moderados com aquela em que se baseiam as perspetivas incompatibilistas (do libertismo e do determinismo radical). Na tua opinião, qual será a mais plausível?

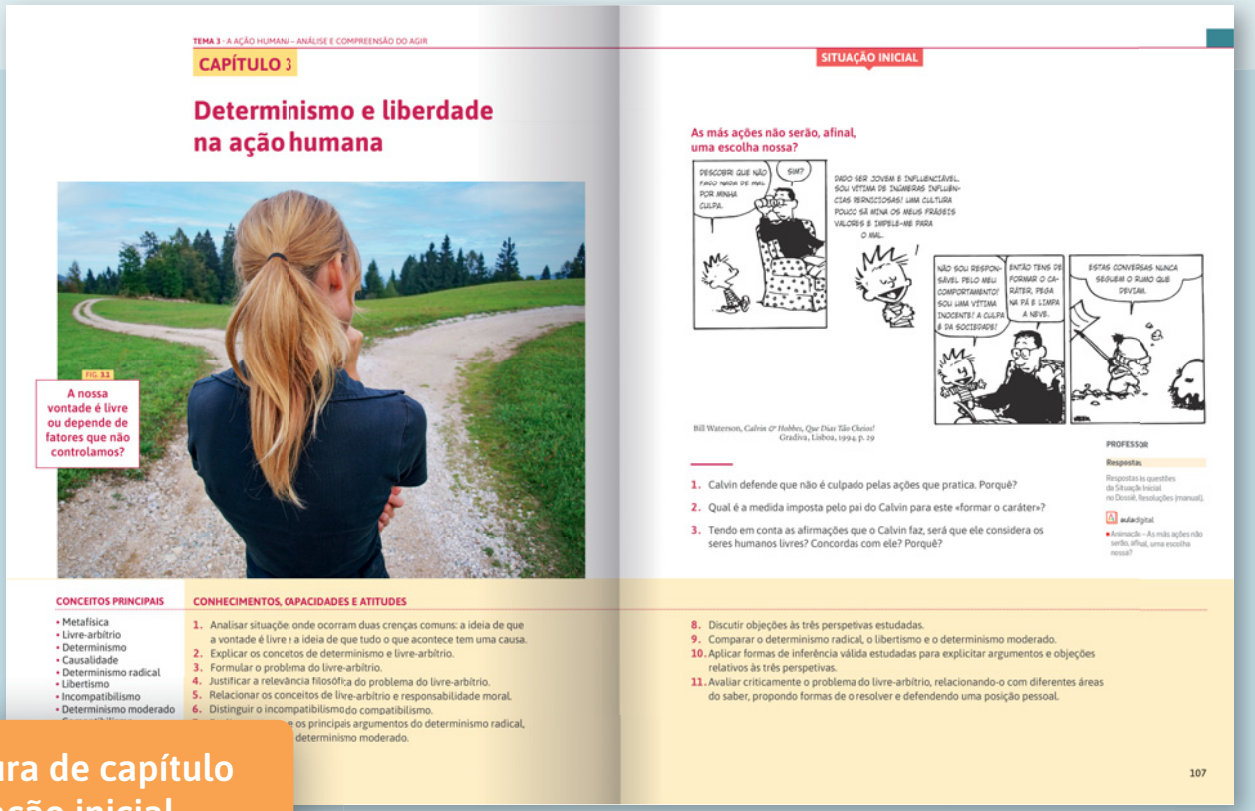
PROFESSOR

Resposta

Grupo IV
1. As consequências seriam que nenhuma das ações dependeria da nossa vontade e das nossas escolhas, todas as ações seriam o resultado (evitável ou efeito) de acontecimentos anteriores (causas) e, por isso, a liberdade seria uma ilusão e não existiria a possibilidade de atribuir uma genuína responsabilidade moral. O sujeito seria controlado e manipulado por forças exteriores (fatores sociais, psicológicos, entre outros). Deixaríamos de fazer planos e de tentar alcançar objetivos; uma vida assim não teria provavelmente sentido nem valor.
O aluno poderá concordar com a perspetiva do determinismo radical, argumentando a favor desta, ou discordar da perspetiva do determinismo radical, argumentando contra esta(s) explicitando, pelo menos, uma objeção).
2. Os deterministas moderados entendem a noção de livre-arbítrio como a ausência de coações ou constrangimentos (internos ou externos) – ou seja, coisas que impedem o agente de fazer o que deseja ou lhe obrigam a fazer o que não deseja – nessas condições, o agente é (ou pode ser) moralmente responsável pelos atos praticados. Os deterministas radicais e os libertistas discordam desta definição de livre-arbítrio. Ambas as perspetivas se baseiam numa noção diferente: o livre-arbítrio corresponde à autodeterminação da vontade, ou seja, só existe quando esta não é determinada por causas anteriores. Portanto, ao contrário do que afirmam os deterministas moderados para saber se uma ação é ou não livre não basta avaliar o grau de controlo que o agente possui sobre as ações, mais sim se estas foram ou não determinadas por fatores anteriores que ele não controla.
Ao expressar a sua opinião, o aluno poderá considerar mais plausível a noção de livre-arbítrio das perspetivas incompatibilistas ou a noção de livre-arbítrio do determinismo moderado, argumentando a favor de uma delas ou apresentando objeções a uma delas.
Poderá ainda não considerar plausível nenhuma destas definições de livre-arbítrio, apresentando uma posição devidamente fundamentada.

5 Estrutura intuitiva

pp. 106-107



TEMA 3 · A AÇÃO HUMANA – ANÁLISE E COMPREENSÃO DO AGIR

CAPÍTULO 3

Determinismo e liberdade na ação humana

FIG. 3.1 A nossa vontade é livre ou depende de fatores que não controlamos?

SITUAÇÃO INICIAL

As más ações não serão, afinal, uma escolha nossa?

DESCOBRI QUE NÃO FAÇO NADA DE MAL POR MINHA CULPA.

SIM?

DADO SER JOVEM E INFLUENCIÁVEL, SOU VÍTIMA DE INÚMERAS INFLUÊNCIAS PERNICIOSAS! UMA CULTURA POUCO SÃ MINA OS MEUS FRÁGEIS VALORES E IMPELE-ME PARA O MAL.

NÃO SOU RESPONSÁVEL PELO MEU COMPORTAMENTO! SOU UMA VÍTIMA INOCENTE! A CULPA É DA SOCIEDADE!

ENTÃO TENS DE FORMAR O CARÁTER, PEGA NA PÁ E LIMPA A NEVE.

ESTAS CONVERSAS NUNCA SEGUEM O RUMO QUE DEVIAM.

Bill Waterson, *Calvin & Hobbes, Que Dias Tão Cheios!* Gradiva, Lisboa, 1994, p. 29

1. Calvin defende que não é culpado pelas ações que pratica. Porquê?
2. Qual é a medida imposta pelo pai do Calvin para este «formar o caráter»?
3. Tendo em conta as afirmações que o Calvin faz, será que ele considera os seres humanos livres? Concordas com ele? Porquê?

PROFESSOR

Respostas

Respostas às questões da Situação Inicial no Dossiê. Resoluções (manual).

aula digital

- Animação – As más ações não serão, afinal, uma escolha nossa?

CONCEITOS PRINCIPAIS

- Metafísica
- Livre-arbítrio
- Determinismo
- Causalidade
- Determinismo radical
- Libertismo
- Incompatibilismo
- Determinismo moderado

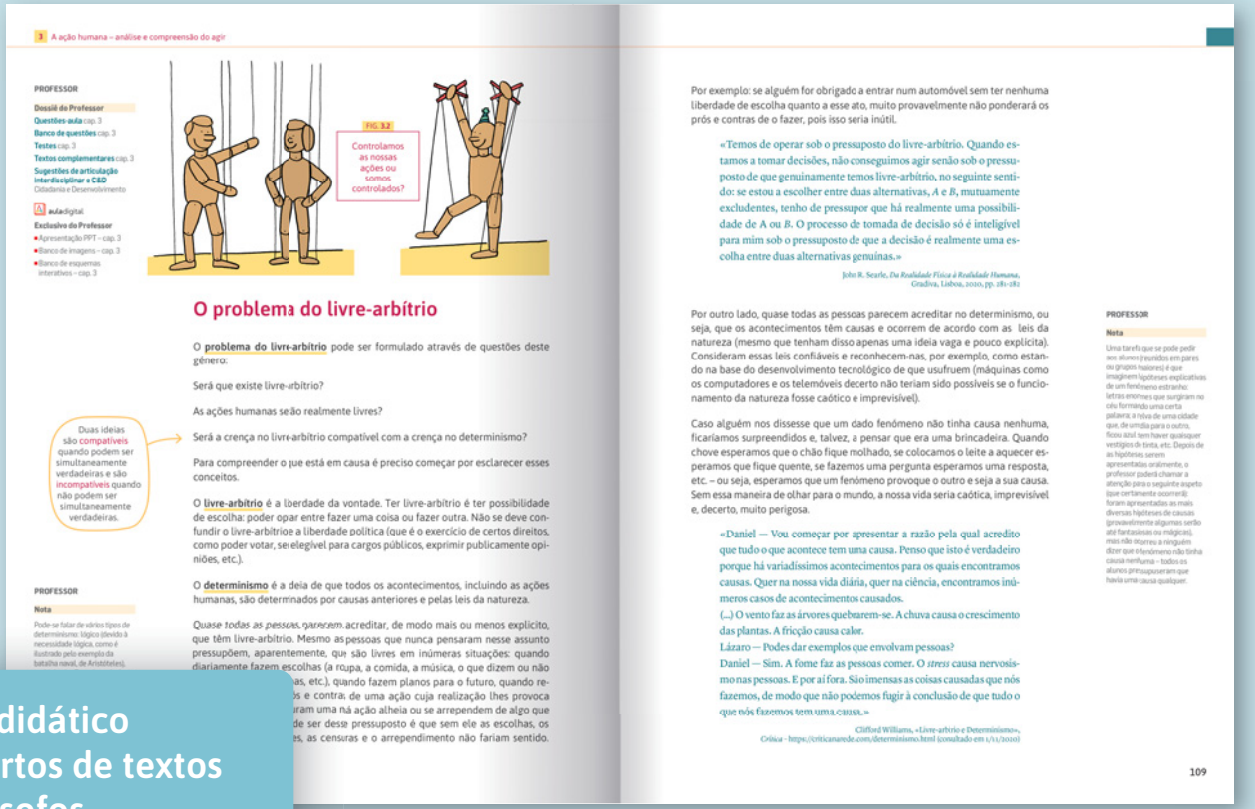
CONHECIMENTOS, CAPACIDADES E ATITUDES

1. Analisar situações onde ocorram duas crenças comuns: a ideia de que a vontade é livre e a ideia de que tudo o que acontece tem uma causa.
2. Explicar os conceitos de determinismo e livre-arbítrio.
3. Formular o problema do livre-arbítrio.
4. Justificar a relevância filosófica do problema do livre-arbítrio.
5. Relacionar os conceitos de livre-arbítrio e responsabilidade moral.
6. Distinguir o incompatibilismo do compatibilismo.
7. [illegible] os principais argumentos do determinismo radical, [illegible] determinismo moderado.
8. Discutir objeções às três perspetivas estudadas.
9. Comparar o determinismo radical, o libertismo e o determinismo moderado.
10. Aplicar formas de inferência válida estudadas para explicitar argumentos e objeções relativos às três perspetivas.
11. Avaliar criticamente o problema do livre-arbítrio, relacionando-o com diferentes áreas do saber, propondo formas de o resolver e defendendo uma posição pessoal.

107

Abertura de capítulo e Situação inicial

pp. 108-109



3 A ação humana – análise e compreensão do agir

PROFESSOR

Dossiê do Professor
Questões-aula cap. 3
Banco de questões cap. 3
Testes cap. 3
Textos complementares cap. 3
Sugestões de articulação interdisciplinar e CSD Cidadania e Desenvolvimento

aula digital

Exclusivo do Professor
- Apresentação PPT – cap. 3
- Banco de imagens – cap. 3
- Banco de esquemas interativos – cap. 3

FIG. 3.2 Controlamos as nossas ações ou somos controlados?

O problema do livre-arbítrio

O **problema do livre-arbítrio** pode ser formulado através de questões deste género:

Será que existe livre-arbítrio?

As ações humanas são realmente livres?

Será a crença no livre-arbítrio compatível com a crença no determinismo?

Duas ideias são **compatíveis** quando podem ser simultaneamente verdadeiras e são **incompatíveis** quando não podem ser simultaneamente verdadeiras.

Para compreender o que está em causa é preciso começar por esclarecer esses conceitos.

O **livre-arbítrio** é a liberdade da vontade. Ter livre-arbítrio é ter possibilidade de escolha: poder optar entre fazer uma coisa ou fazer outra. Não se deve confundir o livre-arbítrio e a liberdade política (que é o exercício de certos direitos, como poder votar, ser eleg[illegible] para cargos públicos, exprimir publicamente opiniões, etc.).

O **determinismo** é a [illegible]deia de que todos os acontecimentos, incluindo as ações humanas, são determinados por causas anteriores e pelas leis da natureza.

Quase todas as pessoas parecem acreditar, de modo mais ou menos explícito, que têm livre-arbítrio. Mesmo as pessoas que nunca pensaram nesse assunto pressupõem, aparentemente, que são livres em inúmeras situações: quando diariamente fazem escolhas (a roupa, a comida, a música, o que dizem ou não [illegible]as, etc.), quando fazem planos para o futuro, quando re[illegible]s e contra; de uma ação cuja realização lhes provoca [illegible]ram uma ná ação alheia ou se arrependem de algo que [illegible]de ser desse pressuposto é que sem ele as escolhas, os [illegible]es, as censuras e o arrependimento não fariam sentido.

Por exemplo: se alguém for obrigado a entrar num automóvel sem ter nenhuma liberdade de escolha quanto a esse ato, muito provavelmente não ponderará os prós e contras de o fazer, pois isso seria inútil.

> «Temos de operar sob o pressuposto do livre-arbítrio. Quando estamos a tomar decisões, não conseguimos agir senão sob o pressuposto de que genuinamente temos livre-arbítrio, no seguinte sentido: se estou a escolher entre duas alternativas, *A* e *B*, mutuamente excludentes, tenho de pressupor que há realmente uma possibilidade de *A* ou *B*. O processo de tomada de decisão só é inteligível para mim sob o pressuposto de que a decisão é realmente uma escolha entre duas alternativas genuínas.»
>
> John R. Searle, *Da Realidade Física à Realidade Humana*, Gradiva, Lisboa, 2020, pp. 281-282

Por outro lado, quase todas as pessoas parecem acreditar no determinismo, ou seja, que os acontecimentos têm causas e ocorrem de acordo com as leis da natureza (mesmo que tenham disso apenas uma ideia vaga e pouco explícita). Consideram essas leis confiáveis e reconhecem-nas, por exemplo, como estando na base do desenvolvimento tecnológico de que usufruem (máquinas como os computadores e os telemóveis decerto não teriam sido possíveis se o funcionamento da natureza fosse caótico e imprevisível).

Caso alguém nos dissesse que um dado fenómeno não tinha causa nenhuma, ficaríamos surpreendidos e, talvez, a pensar que era uma brincadeira. Quando chove esperamos que o chão fique molhado, se colocamos o leite a aquecer esperamos que fique quente, se fazemos uma pergunta esperamos uma resposta, etc. – ou seja, esperamos que um fenómeno provoque o outro e seja a sua causa. Sem essa maneira de olhar para o mundo, a nossa vida seria caótica, imprevisível e, decerto, muito perigosa.

> «Daniel — Vou começar por apresentar a razão pela qual acredito que tudo o que acontece tem uma causa. Penso que isto é verdadeiro porque há variadíssimos acontecimentos para os quais encontramos causas. Quer na nossa vida diária, quer na ciência, encontramos inúmeros casos de acontecimentos causados.
> (...) O vento faz as árvores quebrarem-se. A chuva causa o crescimento das plantas. A fricção causa calor.
> Lázaro — Podes dar exemplos que envolvam pessoas?
> Daniel — Sim. A fome faz as pessoas comer. O *stress* causa nervosismo nas pessoas. E por aí fora. São imensas as coisas causadas que nós fazemos, de modo que não podemos fugir à conclusão de que tudo o que nós fazemos tem uma causa.»
>
> Clifford Williams, «Livre-arbítrio e Determinismo», *Crítica* - https://criticanarede.com/determinismo.html (consultado em 1/11/2020)

PROFESSOR

Nota

Uma tarefa que se pode pedir aos alunos (reunidos em pares ou grupos maiores) é que imaginem hipóteses explicativas de um fenómeno estranho: letras enormes que surgiram no céu formando uma certa palavra; a nível de uma cidade que, de um dia para o outro, ficou azul tem haver qualquer vestígios de tinta, etc. Depois de as hipóteses serem apresentadas oralmente, o professor poderá chamar a atenção para o seguinte aspeto (que certamente ocorrerá): foram apresentadas as mais diversas hipóteses de causas (provavelmente algumas serão até fantasiosas ou mágicas), mas não ocorreu a ninguém dizer que o fenómeno não tinha causa nenhuma – todos os alunos pressupuseram que havia uma causa qualquer.

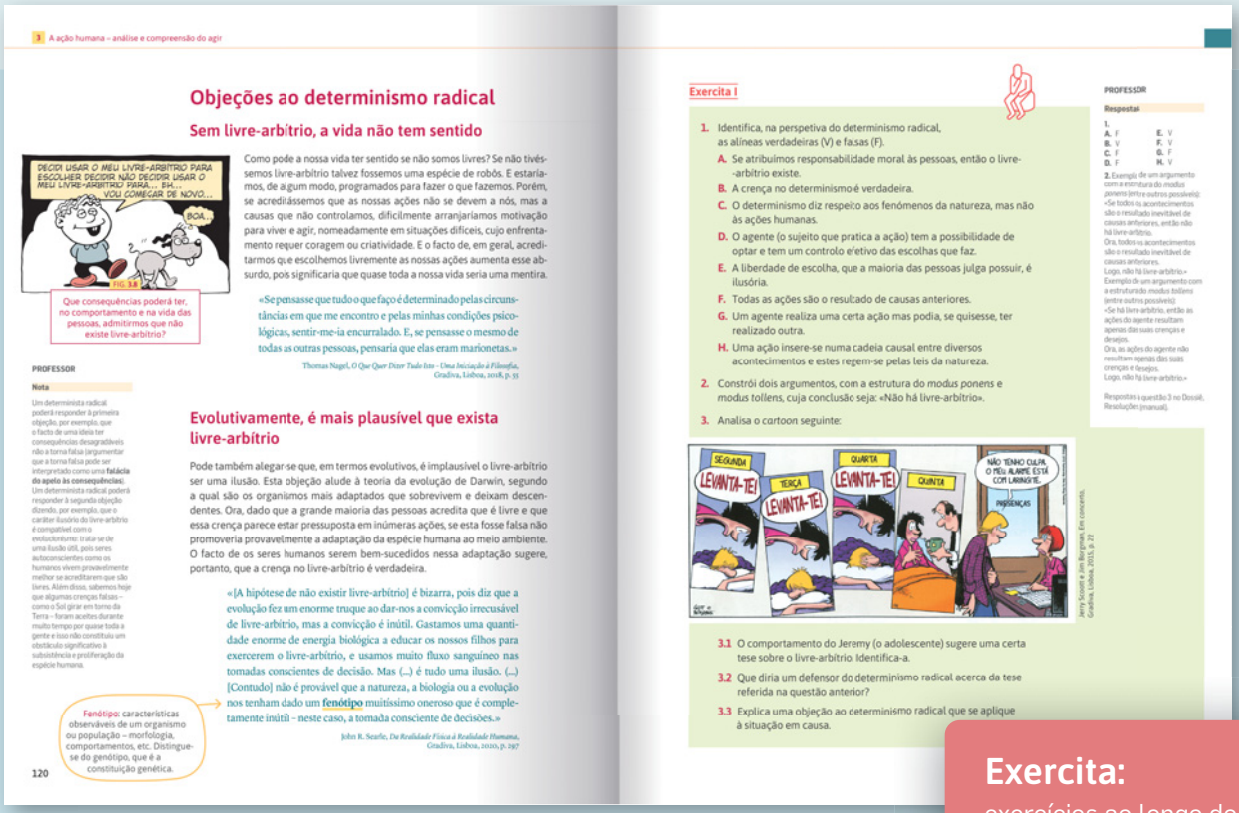
Nota

Pode-se falar de vários tipos de determinismo: lógico (devido à necessidade lógica, como é ilustrado pelo exemplo da batalha naval, de Aristóteles),

109

Texto didático e excertos de textos de filósofos

pp. 120-121



3 A ação humana – análise e compreensão do agir

Objeções ao determinismo radical

Sem livre-arbítrio, a vida não tem sentido

FIG. 3.8

Que consequências poderá ter, no comportamento e na vida das pessoas, admitirmos que não existe livre-arbítrio?

Como pode a nossa vida ter sentido se não somos livres? Se não tivéssemos livre-arbítrio talvez fossemos uma espécie de robôs. E estaríamos, de algum modo, programados para fazer o que fazemos. Porém, se acreditássemos que as nossas ações não se devem a nós, mas a causas que não controlamos, dificilmente arranjaríamos motivação para viver e agir, nomeadamente em situações difíceis, cujo enfrentamento requer coragem ou criatividade. E o facto de, em geral, acreditarmos que escolhemos livremente as nossas ações aumenta esse absurdo, pois significaria que quase toda a nossa vida seria uma mentira.

«Se pensasse que tudo o que faço é determinado pelas circunstâncias em que me encontro e pelas minhas condições psicológicas, sentir-me-ia encurralado. E, se pensasse o mesmo de todas as outras pessoas, pensaria que elas eram marionetas.»

Thomas Nagel, *O Que Quer Dizer Tudo Isto – Uma Iniciação à Filosofia*, Gradiva, Lisboa, 2018, p. 55

PROFESSOR

Nota

Um determinista radical poderá responder à primeira objeção, por exemplo, que o facto de uma ideia ter consequências desagradáveis não a torna falsa (argumentar que a torna falsa pode ser interpretado como uma **falácia do apelo às consequências**). Um determinista radical poderá responder à segunda objeção dizendo, por exemplo, que o caráter ilusório do livre-arbítrio é compatível com o evolucionismo: trata-se de uma ilusão útil, pois seres autoconscientes como os humanos vivem provavelmente melhor se acreditarem que são livres. Além disso, sabemos hoje que algumas crenças falsas – como o Sol girar em torno da Terra – foram aceites durante muito tempo por quase toda a gente e isso não constituiu um obstáculo significativo à subsistência e proliferação da espécie humana.

Evolutivamente, é mais plausível que exista livre-arbítrio

Pode também alegar-se que, em termos evolutivos, é implausível o livre-arbítrio ser uma ilusão. Esta objeção alude à teoria da evolução de Darwin, segundo a qual são os organismos mais adaptados que sobrevivem e deixam descendentes. Ora, dado que a grande maioria das pessoas acredita que é livre e que essa crença parece estar pressuposta em inúmeras ações, se esta fosse falsa não promoveria provavelmente a adaptação da espécie humana ao meio ambiente. O facto de os seres humanos serem bem-sucedidos nessa adaptação sugere, portanto, que a crença no livre-arbítrio é verdadeira.

«[A hipótese de não existir livre-arbítrio] é bizarra, pois diz que a evolução fez um enorme truque ao dar-nos a convicção irrecusável de livre-arbítrio, mas a convicção é inútil. Gastamos uma quantidade enorme de energia biológica a educar os nossos filhos para exercerem o livre-arbítrio, e usamos muito fluxo sanguíneo nas tomadas conscientes de decisão. Mas (...) é tudo uma ilusão. (...) [Contudo] não é provável que a natureza, a biologia ou a evolução nos tenham dado um **fenótipo** muitíssimo oneroso que é completamente inútil – neste caso, a tomada consciente de decisões.»

John R. Searle, *Da Realidade Física à Realidade Humana*, Gradiva, Lisboa, 2020, p. 297

Fenótipo: características observáveis de um organismo ou população – morfologia, comportamentos, etc. Distingue-se do genótipo, que é a constituição genética.

120

Exercita I

1. Identifica, na perspetiva do determinismo radical, as alíneas verdadeiras (V) e falsas (F).
   - A. Se atribuímos responsabilidade moral às pessoas, então o livre-arbítrio existe.
   - B. A crença no determinismo é verdadeira.
   - C. O determinismo diz respeito aos fenómenos da natureza, mas não às ações humanas.
   - D. O agente (o sujeito que pratica a ação) tem a possibilidade de optar e tem um controlo efetivo das escolhas que faz.
   - E. A liberdade de escolha, que a maioria das pessoas julga possuir, é ilusória.
   - F. Todas as ações são o resultado de causas anteriores.
   - G. Um agente realiza uma certa ação mas podia, se quisesse, ter realizado outra.
   - H. Uma ação insere-se numa cadeia causal entre diversos acontecimentos e estes regem-se pelas leis da natureza.
2. Constrói dois argumentos, com a estrutura do *modus ponens* e *modus tollens*, cuja conclusão seja: «Não há livre-arbítrio».
3. Analisa o *cartoon* seguinte:

Jerry Scott e Jim Borgman, *Em Concerto*, Gradiva, Lisboa, 2021, p. 21

3.1 O comportamento do Jeremy (o adolescente) sugere uma certa tese sobre o livre-arbítrio. Identifica-a.

3.2 Que diria um defensor do determinismo radical acerca da tese referida na questão anterior?

3.3 Explica uma objeção ao determinismo radical que se aplique à situação em causa.

PROFESSOR

Resposta!

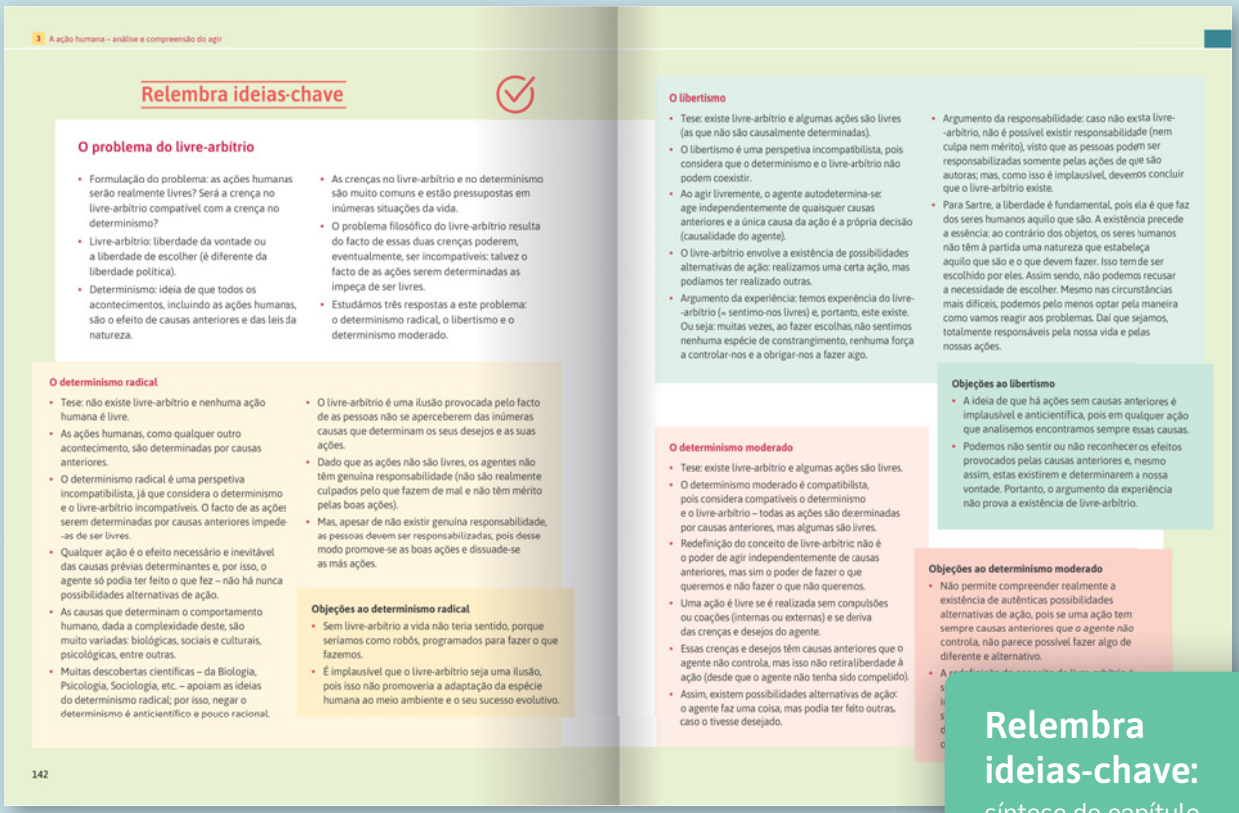
1.
A. F
B. V
C. F
D. F
E. V
F. V
G. F
H. V

2. Exemplo de um argumento com a estrutura do *modus ponens* (entre outros possíveis):
«Se todos os acontecimentos são o resultado inevitável de causas anteriores, então não há livre-arbítrio.
Ora, todos os acontecimentos são o resultado inevitável de causas anteriores.
Logo, não há livre-arbítrio.»
Exemplo de um argumento com a estrutura do *modus tollens* (entre outros possíveis):
«Se há livre-arbítrio, então as ações do agente resultam apenas das suas crenças e desejos.
Ora, as ações do agente não resultam apenas das suas crenças e desejos.
Logo, não há livre-arbítrio.»

Respostas à questão 3 no Dossiê Resoluções (manual).

Exercita:
exercícios ao longo do capítulo

pp. 142-143



3 A ação humana – análise e compreensão do agir

Relembra ideias-chave

O problema do livre-arbítrio

- Formulação do problema: as ações humanas serão realmente livres? Será a crença no livre-arbítrio compatível com a crença no determinismo?
- Livre-arbítrio: liberdade da vontade ou a liberdade de escolher (é diferente da liberdade política).
- Determinismo: ideia de que todos os acontecimentos, incluindo as ações humanas, são o efeito de causas anteriores e das leis da natureza.
- As crenças no livre-arbítrio e no determinismo são muito comuns e estão pressupostas em inúmeras situações da vida.
- O problema filosófico do livre-arbítrio resulta do facto de essas duas crenças poderem, eventualmente, ser incompatíveis: talvez o facto de as ações serem determinadas as impeça de ser livres.
- Estudámos três respostas a este problema: o determinismo radical, o libertismo e o determinismo moderado.

O determinismo radical

- Tese: não existe livre-arbítrio e nenhuma ação humana é livre.
- As ações humanas, como qualquer outro acontecimento, são determinadas por causas anteriores.
- O determinismo radical é uma perspetiva incompatibilista, já que considera o determinismo e o livre-arbítrio incompatíveis. O facto de as ações serem determinadas por causas anteriores impede-as de ser livres.
- Qualquer ação é o efeito necessário e inevitável das causas prévias determinantes e, por isso, o agente só podia ter feito o que fez – não há nunca possibilidades alternativas de ação.
- As causas que determinam o comportamento humano, dada a complexidade deste, são muito variadas: biológicas, sociais e culturais, psicológicas, entre outras.
- Muitas descobertas científicas – da Biologia, Psicologia, Sociologia, etc. – apoiam as ideias do determinismo radical; por isso, negar o determinismo é anticientífico e pouco racional.
- O livre-arbítrio é uma ilusão provocada pelo facto de as pessoas não se aperceberem das inúmeras causas que determinam os seus desejos e as suas ações.
- Dado que as ações não são livres, os agentes não têm genuína responsabilidade (não são realmente culpados pelo que fazem de mal e não têm mérito pelas boas ações).
- Mas, apesar de não existir genuína responsabilidade, as pessoas devem ser responsabilizadas, pois desse modo promove-se as boas ações e dissuade-se as más ações.

Objeções ao determinismo radical

- Sem livre-arbítrio a vida não teria sentido, porque seríamos como robôs, programados para fazer o que fazemos.
- É implausível que o livre-arbítrio seja uma ilusão, pois isso não promoveria a adaptação da espécie humana ao meio ambiente e o seu sucesso evolutivo.

O libertismo

- Tese: existe livre-arbítrio e algumas ações são livres (as que não são causalmente determinadas).
- O libertismo é uma perspetiva incompatibilista, pois considera que o determinismo e o livre-arbítrio não podem coexistir.
- Ao agir livremente, o agente autodetermina-se: age independentemente de quaisquer causas anteriores e a única causa da ação é a própria decisão (causalidade do agente).
- O livre-arbítrio envolve a existência de possibilidades alternativas de ação: realizamos uma certa ação, mas podíamos ter realizado outras.
- Argumento da experiência: temos experiência do livre-arbítrio (= sentimo-nos livres) e, portanto, este existe. Ou seja: muitas vezes, ao fazer escolhas, não sentimos nenhuma espécie de constrangimento, nenhuma força a controlar-nos e a obrigar-nos a fazer ago.
- Argumento da responsabilidade: caso não exista livre-arbítrio, não é possível existir responsabilidade (nem culpa nem mérito), visto que as pessoas podem ser responsabilizadas somente pelas ações de que são autoras; mas, como isso é implausível, devemos concluir que o livre-arbítrio existe.
- Para Sartre, a liberdade é fundamental, pois ela é que faz dos seres humanos aquilo que são. A existência precede a essência: ao contrário dos objetos, os seres humanos não têm à partida uma natureza que estabeleça aquilo que são e o que devem fazer. Isso tem de ser escolhido por eles. Assim sendo, não podemos recusar a necessidade de escolher. Mesmo nas circunstâncias mais difíceis, podemos pelo menos optar pela maneira como vamos reagir aos problemas. Daí que sejamos, totalmente responsáveis pela nossa vida e pelas nossas ações.

Objeções ao libertismo

- A ideia de que há ações sem causas anteriores é implausível e anticientífica, pois em qualquer ação que analisemos encontramos sempre essas causas.
- Podemos não sentir ou não reconhecer os efeitos provocados pelas causas anteriores e, mesmo assim, estas existirem e determinarem a nossa vontade. Portanto, o argumento da experiência não prova a existência de livre-arbítrio.

O determinismo moderado

- Tese: existe livre-arbítrio e algumas ações são livres.
- O determinismo moderado é compatibilista, pois considera compatíveis o determinismo e o livre-arbítrio – todas as ações são determinadas por causas anteriores, mas algumas são livres.
- Redefinição do conceito de livre-arbítrio: não é o poder de agir independentemente de causas anteriores, mas sim o poder de fazer o que queremos e não fazer o que não queremos.
- Uma ação é livre se é realizada sem compulsões ou coações (internas ou externas) e se deriva das crenças e desejos do agente.
- Essas crenças e desejos têm causas anteriores que o agente não controla, mas isso não retira liberdade à ação (desde que o agente não tenha sido compelido).
- Assim, existem possibilidades alternativas de ação: o agente faz uma coisa, mas podia ter feito outras, caso o tivesse desejado.

Objeções ao determinismo moderado

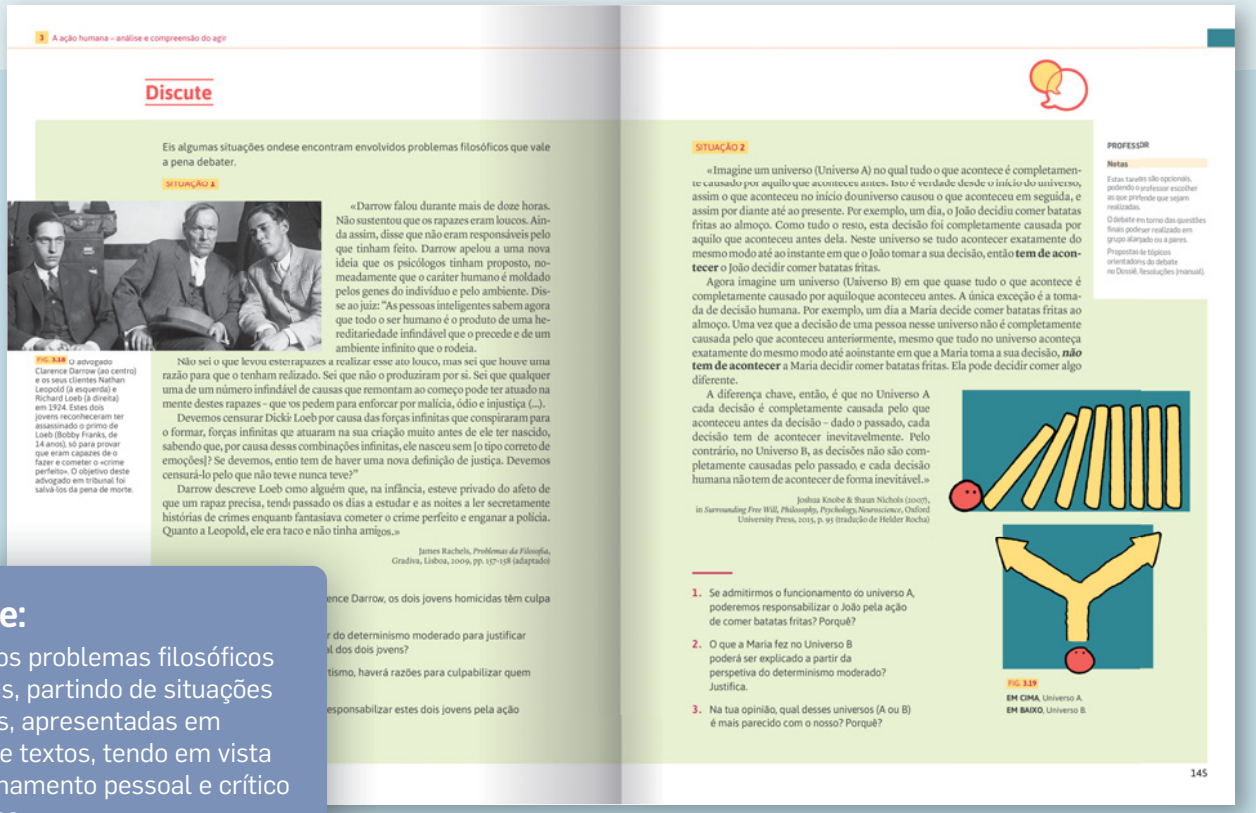
- Não permite compreender realmente a existência de autênticas possibilidades alternativas de ação, pois se uma ação tem sempre causas anteriores que o agente não controla, não parece possível fazer algo de diferente e alternativo.

142

Relembra ideias-chave:
síntese do capítulo

5 Estrutura intuitiva

pp. 144-145



3 A ação humana – análise e compreensão do agir

Discute

Eis algumas situações ondese encontram envolvidos problemas filosóficos que vale a pena debater.

SITUAÇÃO 1

«Darrow falou durante mais de doze horas. Não sustentou que os rapazes eram loucos. Ainda assim, disse que não eram responsáveis pelo que tinham feito. Darrow apelou a uma nova ideia que os psicólogos tinham proposto, nomeadamente que o carácter humano é moldado pelos genes do indivíduo e pelo ambiente. Disse ao juiz: "As pessoas inteligentes sabem agora que todo o ser humano é o produto de uma hereditariedade infindável que o precede e de um ambiente infinito que o rodeia.

Não sei o que levou esterapazes a realizar esse ato louco, mas sei que houve uma razão para que o tenham realizado. Sei que não o produziram por si. Sei que qualquer uma de um número infindável de causas que remontam ao começo pode ter atuado na mente destes rapazes – que os pedem para enforcar por malícia, ódio e injustiça (...).

Devemos censurar Dicki Loeb por causa das forças infinitas que conspiraram para o formar, forças infinitas que atuaram na sua criação muito antes de ele ter nascido, sabendo que, por causa desss combinações infinitas, ele nasceu sem [o tipo correto de emoções]? Se devemos, entio tem de haver uma nova definição de justiça. Devemos censurá-lo pelo que não teve nunca tev?"

Darrow descreve Loeb como alguém que, na infância, esteve privado do afeto de que um rapaz precisa, tendo passado os dias a estudar e as noites a ler secretamente histórias de crimes enquanto fantasiava cometer o crime perfeito e enganar a polícia. Quanto a Leopold, ele era taco e não tinha amigos.»

James Rachels, *Problemas da Filosofia*, Gradiva, Lisboa, 2009, pp. 157-158 (adaptado)

FIG. 3.18 O advogado Clarence Darrow (ao centro) e os seus clientes Nathan Leopold (à esquerda) e Richard Loeb (à direita) em 1924. Estes dois jovens reconheceram ter assassinado o primo de Loeb (Bobby Franks, de 14 anos), só para provar que eram capazes de o fazer e cometer o «crime perfeito». O objetivo deste advogado em tribunal foi salvá-los da pena de morte.

ence Darrow, os dois jovens homicidas têm culpa

r do determinismo moderado para justificar
l dos dois jovens?

tismo, haverá razões para culpabilizar quem

esponsabilizar estes dois jovens pela ação

SITUAÇÃO 2

«Imagine um universo (Universo A) no qual tudo o que acontece é completamente causado por aquilo que aconteceu antes. Isto é verdade desde o início do universo, assim o que aconteceu no início douniverso causou o que aconteceu em seguida, e assim por diante até ao presente. Por exemplo, um dia, o João decidiu comer batatas fritas ao almoço. Como tudo o resto, esta decisão foi completamente causada por aquilo que aconteceu antes dela. Neste universo se tudo acontecer exatamente do mesmo modo até ao instante em que o João tomar a sua decisão, então **tem de acontecer** o João decidir comer batatas fritas.

Agora imagine um universo (Universo B) em que quase tudo o que acontece é completamente causado por aquiloque aconteceu antes. A única exceção é a tomada de decisão humana. Por exemplo, um dia a Maria decide comer batatas fritas ao almoço. Uma vez que a decisão de uma pessoa nesse universo não é completamente causada pelo que aconteceu anteriormente, mesmo que tudo no universo aconteça exatamente do mesmo modo até aoinstante em que a Maria toma a sua decisão, ***não* tem de acontecer** a Maria decidir comer batatas fritas. Ela pode decidir comer algo diferente.

A diferença chave, então, é que no Universo A cada decisão é completamente causada pelo que aconteceu antes da decisão – dado o passado, cada decisão tem de acontecer inevitavelmente. Pelo contrário, no Universo B, as decisões não são completamente causadas pelo passado, e cada decisão humana não tem de acontecer de forma inevitável.»

Joshua Knobe & Shaun Nichols (2007), in *Surrounding Free Will, Philosophy, Psychology, Neuroscience*, Oxford University Press, 2015, p. 95 (tradução de Helder Rocha)

1. Se admitirmos o funcionamento do universo A, poderemos responsabilizar o João pela ação de comer batatas fritas? Porquê?
2. O que a Maria fez no Universo B poderá ser explicado a partir da perspetiva do determinismo moderado? Justifica.
3. Na tua opinião, qual desses universos (A ou B) é mais parecido com o nosso? Porquê?

FIG. 3.19 **EM CIMA**, Universo A. **EM BAIXO**, Universo B.

PROFESSOR

Notas

Estas tarefas são opcionais, podendo o professor escolher as que pretende que sejam realizadas.

O debate em torno das questões finais poderser realizado em grupo alargado ou a pares.

Propostas de tópicos orientadores do debate no Dossiê. Resoluções (manual).

145

Discute:
debate dos problemas filosóficos estudados, partindo de situações concretas, apresentadas em imagens e textos, tendo em vista o posicionamento pessoal e crítico dos alunos

pp. 146-147

3 A ação humana – análise e compreensão do agir

Visiona

PROFESSOR

Nota

Estas tarefas são opcionais, podendo o professor escolher as que pretende que sejam realizadas.

Respostas

Respostas aos Guiões de Análise no Dossiê. Resoluções (manual).

I Determinismo versus libertismo

«DETERMINISM VS FREE WILL»'rash Course Philosophy
10:25 Legendado em português

GUIÃO DE ANÁLISE

Depois de ver o vídeo, responde às questões seguintes.

1. Esclarece os conceitos de livre-arbítrio e determinismo.
2. Analisa o exempo dado (a ação do narrador do vídeo comer aveia ao pequeno almoço, segundo o ponto de vista de um
   2.1 libertista;
   2.2 determinista radical.
3. Identifica quais sio as perspetivas (determinismo radical ou libertismo) que se relacionam com as ideias presentes nas alíneas seguintes.
   A. Tal como uma maçã cai, de modo inevitável, de uma árvore para o chão, também as nossas ações têm necessariamente de ser realizadas.
   B. Sentimos muitas vezes que podemos agir de acordo com as nossas opções.
   ivre só será *livre se não for determinado causalmente.*
   spetiva, acerca do problema do livre-arbítrio, que a afirmação ada no vídeo) permite ilustrar.
   grenagens de uma máquina fazendo o que sempre foi o que fizésemos».

D'Holbach

II Estamos condenados a ser livres?

«JEAN-PAUL SARTRE AND EXISTENTIAL CHOICE»
The Open University
2:04 Legendado em português

GUIÃO DE ANÁLISE

Depois de ver o vídeo, responde às questões seguintes.

1. Explica o significado da seguinte afirmação de Sartre: «Estamos condenados a ser livres».
2. Do ponto de vista de Sartre, existirá algum propósito superior ao homem que deva ser seguido pelo agente ao praticar as ações? Porquê?
3. Sartre distingue o que acontece com um corta-papéis, em que «a essência precede a existência», do caso dos seres humanos, onde «a existência precede a essência». Explica o significado desta distinção.

III Filme: «O Bom Rebelde»

«GOOD WILL HUNTING»
Gus Van Sant
127 minutos Legendado em português

GUIÃO DE ANÁLISE

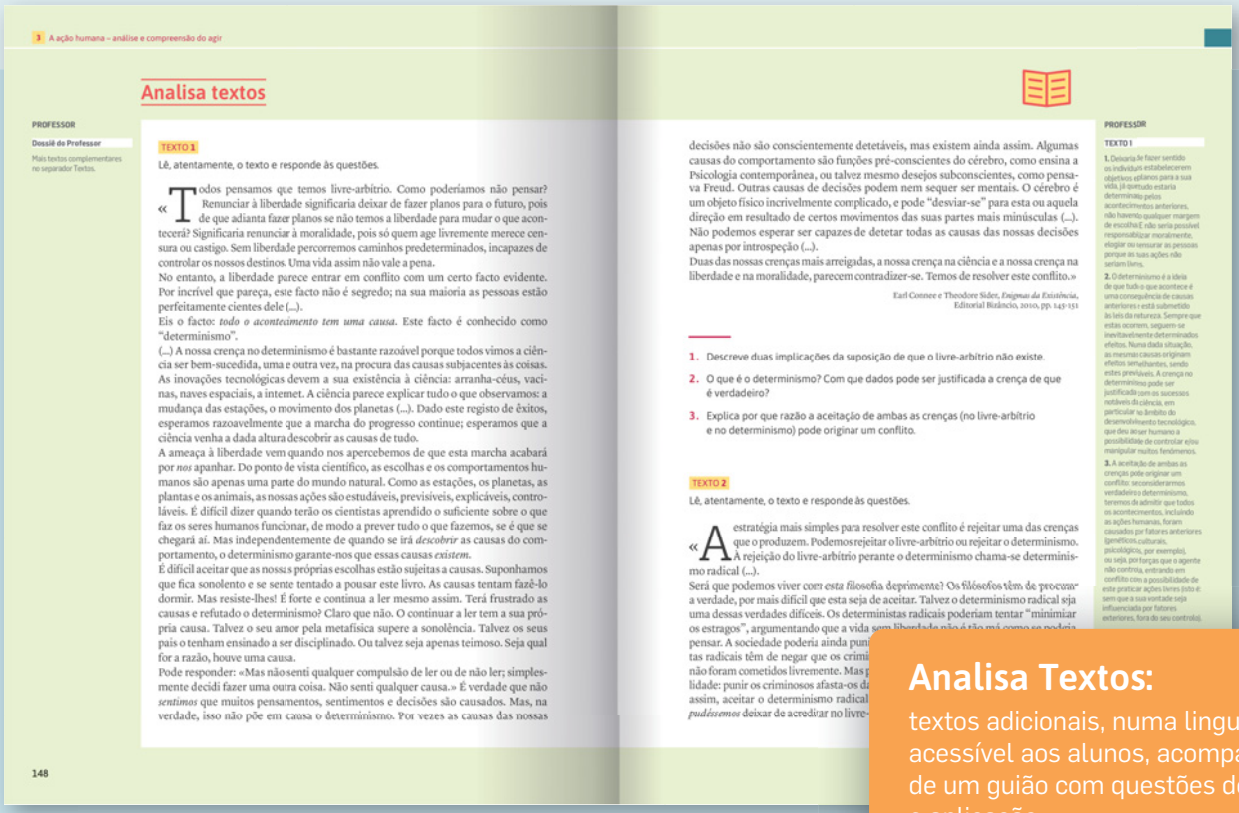
Depois de ver o filme, responde às questões seguintes.

1. Identifica três fatores (genético, social e psicológico) que influenciam/causam as ações do personagem principal no início do filme.
2. Que importância teve a intervenção do psicólogo para a mudança das atitudes e do comportamento de Will ao longo do tempo?
3. Considerando uma passagem do filme (à tua escolha) e as pespetivas que estudaste, qual destas, na tua opinião, responde de forma mais plausível ao problema do livre-arbítrio? Porquê'

aula digital
- Determinism VS Free Will – crash course hd philosophy
- Jean-Paul Sartre and Existential Choice – the open university
- Good Will Hunting – Trailer

Visiona:
pequenos vídeos explicativos e um filme (legendados em português) acerca dos temas de cada capítulo, e respetivos guiões

pp. 148-149



3 A ação humana – análise e compreensão do agir

Analisa textos

PROFESSOR

Dossiê do Professor

Mais textos complementares no separador Textos.

TEXTO 1

Lê, atentamente, o texto e responde às questões.

«Todos pensamos que temos livre-arbítrio. Como poderíamos não pensar? Renunciar à liberdade significaria deixar de fazer planos para o futuro, pois de que adianta fazer planos se não temos a liberdade para mudar o que acontecerá? Significaria renunciar à moralidade, pois só quem age livremente merece censura ou castigo. Sem liberdade percorremos caminhos predeterminados, incapazes de controlar os nossos destinos. Uma vida assim não vale a pena.

No entanto, a liberdade parece entrar em conflito com um certo facto evidente. Por incrível que pareça, esse facto não é segredo; na sua maioria as pessoas estão perfeitamente cientes dele (...).

Eis o facto: *todo o acontecimento tem uma causa*. Este facto é conhecido como "determinismo".

(...) A nossa crença no determinismo é bastante razoável porque todos vimos a ciência ser bem-sucedida, uma e outra vez, na procura das causas subjacentes às coisas. As inovações tecnológicas devem a sua existência à ciência: arranha-céus, vacinas, naves espaciais, a internet. A ciência parece explicar tudo o que observamos: a mudança das estações, o movimento dos planetas (...). Dado este registo de êxitos, esperamos razoavelmente que a marcha do progresso continue; esperamos que a ciência venha a dada altura descobrir as causas de tudo.

A ameaça à liberdade vem quando nos apercebemos de que esta marcha acabará por *nos* apanhar. Do ponto de vista científico, as escolhas e os comportamentos humanos são apenas uma parte do mundo natural. Como as estações, os planetas, as plantas e os animais, as nossas ações são estudáveis, previsíveis, explicáveis, controláveis. É difícil dizer quando terão os cientistas aprendido o suficiente sobre o que faz os seres humanos funcionar, de modo a prever tudo o que fazemos, se é que se chegará aí. Mas independentemente de quando se irá *descobrir* as causas do comportamento, o determinismo garante-nos que essas causas *existem*.

É difícil aceitar que as nossas próprias escolhas estão sujeitas a causas. Suponhamos que fica sonolento e se sente tentado a pousar este livro. As causas tentam fazê-lo dormir. Mas resiste-lhes! É forte e continua a ler mesmo assim. Terá frustrado as causas e refutado o determinismo? Claro que não. O continuar a ler tem a sua própria causa. Talvez o seu amor pela metafísica supere a sonolência. Talvez os seus pais o tenham ensinado a ser disciplinado. Ou talvez seja apenas teimoso. Seja qual for a razão, houve uma causa.

Pode responder: «Mas não senti qualquer compulsão de ler ou de não ler; simplesmente decidi fazer uma outra coisa. Não senti qualquer causa.» É verdade que não *sentimos* que muitos pensamentos, sentimentos e decisões são causados. Mas, na verdade, isso não põe em causa o determinismo. Por vezes as causas das nossas decisões não são conscientemente detetáveis, mas existem ainda assim. Algumas causas do comportamento são funções pré-conscientes do cérebro, como ensina a Psicologia contemporânea, ou talvez mesmo desejos subconscientes, como pensava Freud. Outras causas de decisões podem nem sequer ser mentais. O cérebro é um objeto físico incrivelmente complicado, e pode "desviar-se" para esta ou aquela direção em resultado de certos movimentos das suas partes mais minúsculas (...). Não podemos esperar ser capazes de detetar todas as causas das nossas decisões apenas por introspeção (...).

Duas das nossas crenças mais arreigadas, a nossa crença na ciência e a nossa crença na liberdade e na moralidade, parecem contradizer-se. Temos de resolver este conflito.»

Earl Conee e Theodore Sider, *Enigmas da Existência*, Editorial Bizâncio, 2010, pp. 143-151

1. Descreve duas implicações da suposição de que o livre-arbítrio não existe.
2. O que é o determinismo? Com que dados pode ser justificada a crença de que é verdadeiro?
3. Explica por que razão a aceitação de ambas as crenças (no livre-arbítrio e no determinismo) pode originar um conflito.

TEXTO 2

Lê, atentamente, o texto e responde às questões.

«A estratégia mais simples para resolver este conflito é rejeitar uma das crenças que o produzem. Podemos rejeitar o livre-arbítrio ou rejeitar o determinismo. A rejeição do livre-arbítrio perante o determinismo chama-se determinismo radical (...).

Será que podemos viver com esta filosofia deprimente? Os filósofos têm de procurar a verdade, por mais difícil que esta seja de aceitar. Talvez o determinismo radical seja uma dessas verdades difíceis. Os deterministas radicais poderiam tentar "minimizar os estragos", argumentando que a vida sem liberdade não é tão má como se poderia pensar. A sociedade poderia ainda punir [illegible] tas radicais têm de negar que os crimi[illegible] não foram cometidos livremente. Mas [illegible] lidade: punir os criminosos afasta-os d[illegible] assim, aceitar o determinismo radical [illegible] *pudéssemos* deixar de acreditar no livre-

PROFESSOR

TEXTO 1

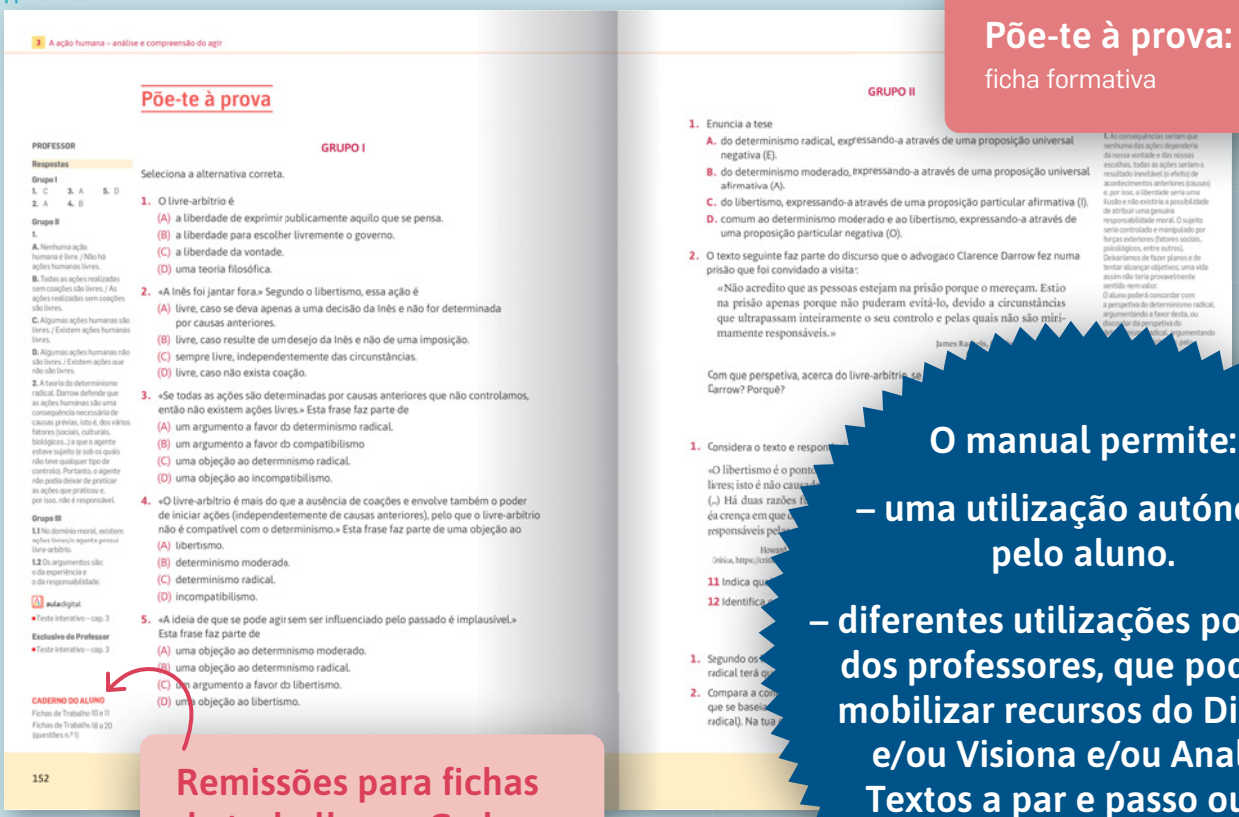
1. Deixaria de fazer sentido os indivíduos estabelecerem objetivos e planos para a sua vida, já ocorrido estaria determinado pelos acontecimentos anteriores, não havendo qualquer margem de escolha. E não seria possível responsabilizar moralmente, elogiar ou censurar as pessoas porque as suas ações não seriam livres.

2. O determinismo é a ideia de que tudo o que acontece é uma consequência de causas anteriores e está submetido às leis da natureza. Sempre que estas ocorrem, seguem-se inevitavelmente determinados efeitos. Numa dada situação, as mesmas causas originam efeitos semelhantes, sendo estes previsíveis. A crença no determinismo pode ser justificada com os sucessos notáveis da ciência, em particular no âmbito do desenvolvimento tecnológico, que deu ao ser humano a possibilidade de controlar e/ou manipular muitos fenómenos.

3. A aceitação de ambas as crenças pode originar um conflito: se considerarmos verdadeiro o determinismo, teremos de admitir que todos os acontecimentos, incluindo as ações humanas, foram causados por fatores anteriores (genéticos, culturais, psicológicos, por exemplo), ou seja, por forças que o agente não controla, entrando em conflito com a possibilidade de este praticar ações livres (isto é: sem que a sua vontade seja influenciada por fatores exteriores, fora do seu controlo).

Analisa Textos:
textos adicionais, numa linguagem acessível aos alunos, acompanhados de um guião com questões de análise e aplicação

pp. 152-153



3 A ação humana – análise e compreensão do agir

Põe-te à prova

PROFESSOR

Respostas

Grupo I
1. C 3. A 5. D
2. A 4. B

Grupo II
1.
A. Nenhuma ação humana é livre. / Não há ações humanas livres.
B. Todas as ações realizadas sem coações são livres. / As ações realizadas sem coações são livres.
C. Algumas ações humanas são livres. / Existem ações humanas livres.
D. Algumas ações humanas não são livres. / Existem ações que não são livres.
2. A teoria do determinismo radical, Darrow defende que as ações humanas são uma consequência necessária de causas prévias, isto é, dos vários fatores (sociais, culturais, biológicos...) a que o agente esteve sujeito (e sob os quais não teve qualquer tipo de controlo). Portanto, o agente não podia deixar de praticar as ações que praticou e, por isso, não é responsável.

Grupo III
1.1 No domínio moral, existem ações (livres) o agente é possível (livre-arbítrio).
1.2 Os argumentos são: o da experiência e o da responsabilidade.

aulaDigital
• Teste interativo – cap. 3

Exclusivo do Professor
• Teste interativo – cap. 3

CADERNO DO ALUNO
Fichas de Trabalho 10 e 11
Fichas de Trabalho 18 a 20 (questões n.º 1)

GRUPO I

Seleciona a alternativa correta.

1. O livre-arbítrio é
   (A) a liberdade de exprimir publicamente aquilo que se pensa.
   (B) a liberdade para escolher livremente o governo.
   (C) a liberdade da vontade.
   (D) uma teoria filosófica.
2. «A Inês foi jantar fora.» Segundo o libertismo, essa ação é
   (A) livre, caso se deva apenas a uma decisão da Inês e não for determinada por causas anteriores.
   (B) livre, caso resulte de um desejo da Inês e não de uma imposição.
   (C) sempre livre, independentemente das circunstâncias.
   (D) livre, caso não exista coação.
3. «Se todas as ações são determinadas por causas anteriores que não controlamos, então não existem ações livres.» Esta frase faz parte de
   (A) um argumento a favor do determinismo radical.
   (B) um argumento a favor do compatibilismo
   (C) uma objeção ao determinismo radical.
   (D) uma objeção ao incompatibilismo.
4. «O livre-arbítrio é mais do que a ausência de coações e envolve também o poder de iniciar ações (independentemente de causas anteriores), pelo que o livre-arbítrio não é compatível com o determinismo.» Esta frase faz parte de uma objeção ao
   (A) libertismo.
   (B) determinismo moderado.
   (C) determinismo radical.
   (D) incompatibilismo.
5. «A ideia de que se pode agir sem ser influenciado pelo passado é implausível.» Esta frase faz parte de
   (A) uma objeção ao determinismo moderado.
   (B) uma objeção ao determinismo radical.
   (C) um argumento a favor do libertismo.
   (D) uma objeção ao libertismo.

GRUPO II

1. Enuncia a tese
   A. do determinismo radical, expressando-a através de uma proposição universal negativa (E).
   B. do determinismo moderado, expressando-a através de uma proposição universal afirmativa (A).
   C. do libertismo, expressando-a através de uma proposição particular afirmativa (I).
   D. comum ao determinismo moderado e ao libertismo, expressando-a através de uma proposição particular negativa (O).
2. O texto seguinte faz parte do discurso que o advogado Clarence Darrow fez numa prisão que foi convidado a visitar:
   «Não acredito que as pessoas estejam na prisão porque o mereçam. Estão na prisão apenas porque não puderam evitá-lo, devido a circunstâncias que ultrapassam inteiramente o seu controlo e pelas quais não são minimamente responsáveis.»
   James R[illegible]
   Com que perspetiva, acerca do livre-arbítrio, se[illegible] Darrow? Porquê?

1. Considera o texto e respon[illegible]
   «O libertismo é o pont[illegible] livres; isto é não ca[illegible] (...) Há duas razões f[illegible] é a crença em que [illegible] responsáveis pel[illegible]
   How[illegible] Crónica, https://cr[illegible]
   11 Indica qu[illegible]
   12 Identifica[illegible]
1. Segundo os [illegible] radical terá q[illegible]
2. Compara a co[illegible] que se baseia[illegible] radical). Na tua [illegible]

Põe-te à prova:
ficha formativa

Remissões para fichas de trabalho no Caderno do Aluno.

O manual permite:

– uma utilização autónoma pelo aluno.

– diferentes utilizações por parte dos professores, que poderão mobilizar recursos do Discute e/ou Visiona e/ou Analisa Textos a par e passo ou no final de um capítulo.

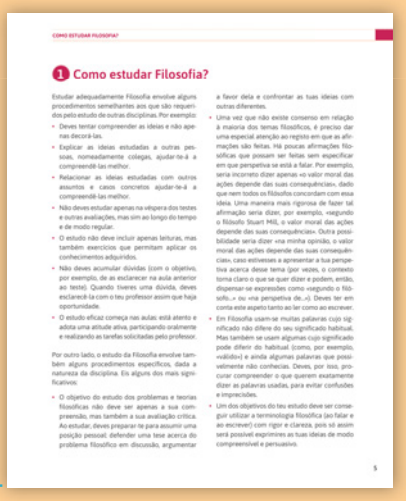
6 Grande diversidade de recursos

O **Caderno do aluno** tem como objetivo principal ajudar os alunos a estudar melhor, explorando de forma autónoma outros recursos e informações, além dos apresentados no manual, e fornecendo algumas sugestões práticas e informações (como fazer um ensaio argumentativo ou responder a diferentes tipos de perguntas em Filosofia).

Entre outros conteúdos, disponibiliza:

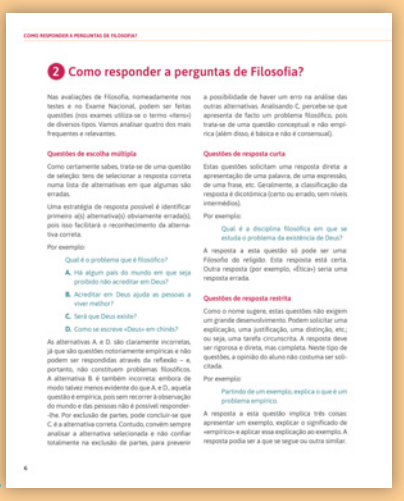
- 20 Fichas de trabalho e propostas de resolução;
- textos complementares (para o aluno explorar de forma autónoma, de acordo com os seus interesses);
- informação sobre recursos digitiais disponíveis para os alunos;
- sugestõees de bibliografia e webgrafia (pensadas para alunos do ensino secundário).

→ Sugestões sobre como estudar Filosofia



p. 5

→ Sugestões sobre como responder a perguntas de Filosofia



p. 6

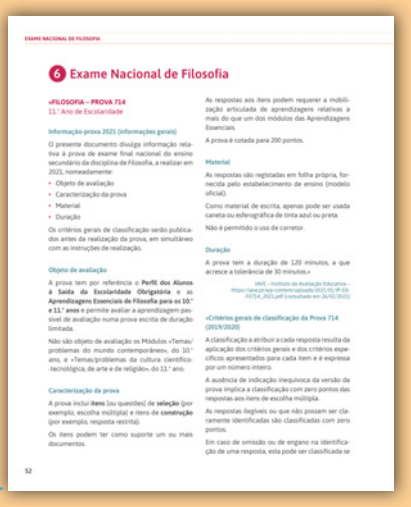
Sugestões para um debate proveitoso

p. 8

Indicações para fazer um ensaio

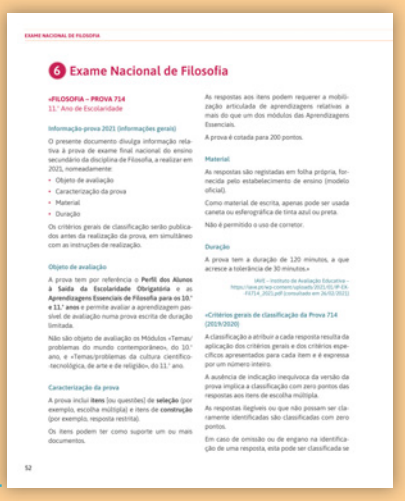
p. 9

Fichas de trabalho (20)



p. 18

Indicações sobre o Exame Nacional de Filosofia



p. 52

Textos complementares

p. 56

Recursos digitais

p. 74

Bibliografia e webgrafia.

p. 78

6 Grande diversidade de recursos

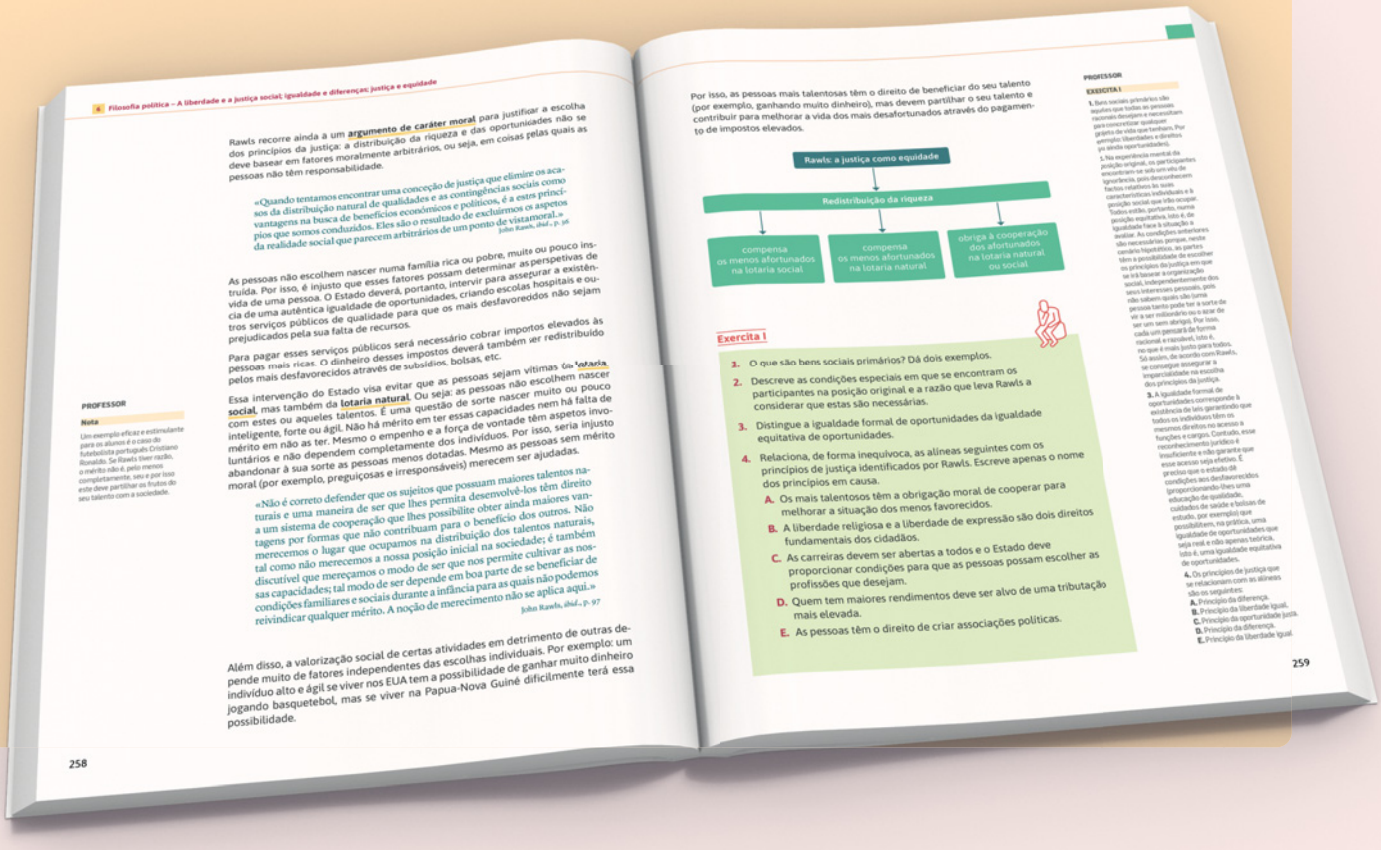
Manual edição EXCLUSIVA do Professor

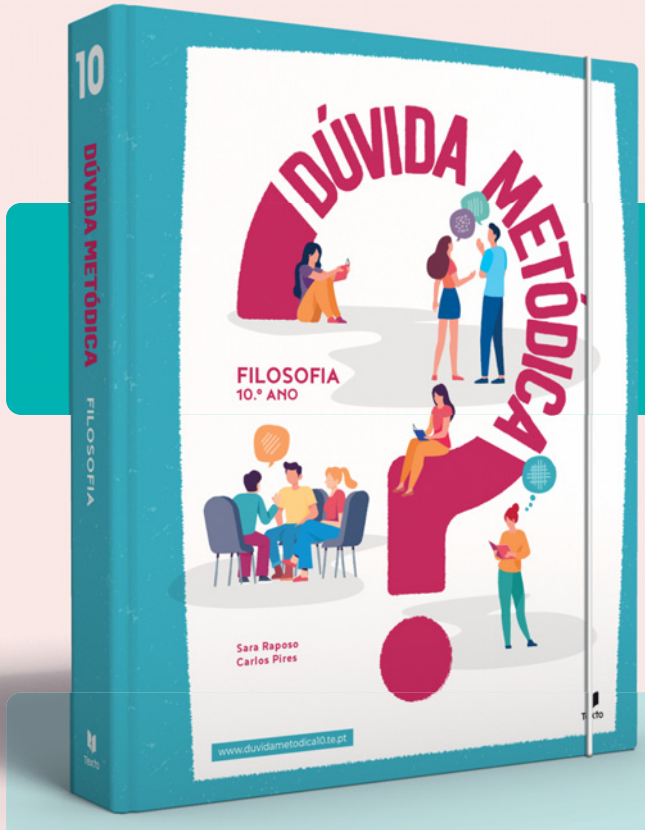
Por falta de espaço no manual para todas as respostas e notas para o professor, algumas encontram-se no Dossiê do Professor, nos separadores «Resoluções (manual)» e «Outros» respetivamente.

No Dossiê todas as respostas estão disponíveis, para facilidade de consulta. Estão igualmente disponíveis na Aula Digital, em formato editável, tornando possível ao professor editá-las e/ou enviá-las aos alunos.

Apresenta:

- Respostas às questões do manual
- Notas para o professor com informações adicionais e sugestões metodológicas





Dossiê do Professor

Grande diversidade de sugestões de atividades e recursos (incidindo em competências diferentes) para implementar na sala de aula e para dar aos professores possibilidades alternativas relativamente aos instrumentos de avaliação.

Inclui:

- Questões-aula
- Banco de questões
- Testes + Guiões de estudo para os testes
- Ensaio filosófico
- Formas de integrar e desenvolver os temas/problemas filosóficos em trabalhos de natureza interdisciplinar, nomeadamente na área de Cidadania e Desenvolvimento
- Textos complementares
- Planificações
- Ensino Digital
- Propostas de resolução das atividades de todas as rubricas do manual
- Outros
    - Tema/problema «Eutanásia»
    - Tema/problema «Discriminação positiva»
    - Exemplos de argumentos filosóficos ilustrativos de formas de inferência válida estudadas na lógica proposicional
    - Notas para os professores que esclarecem ou aprofundam certos conteúdos
    - Tipologia de questões: características dos vários tipos de *itens* e exemplificação dos mesmos
    - Bibliografia do projeto
    - Webgrafia do projeto

aula digital

Animação da situação inicial de cada capítulo

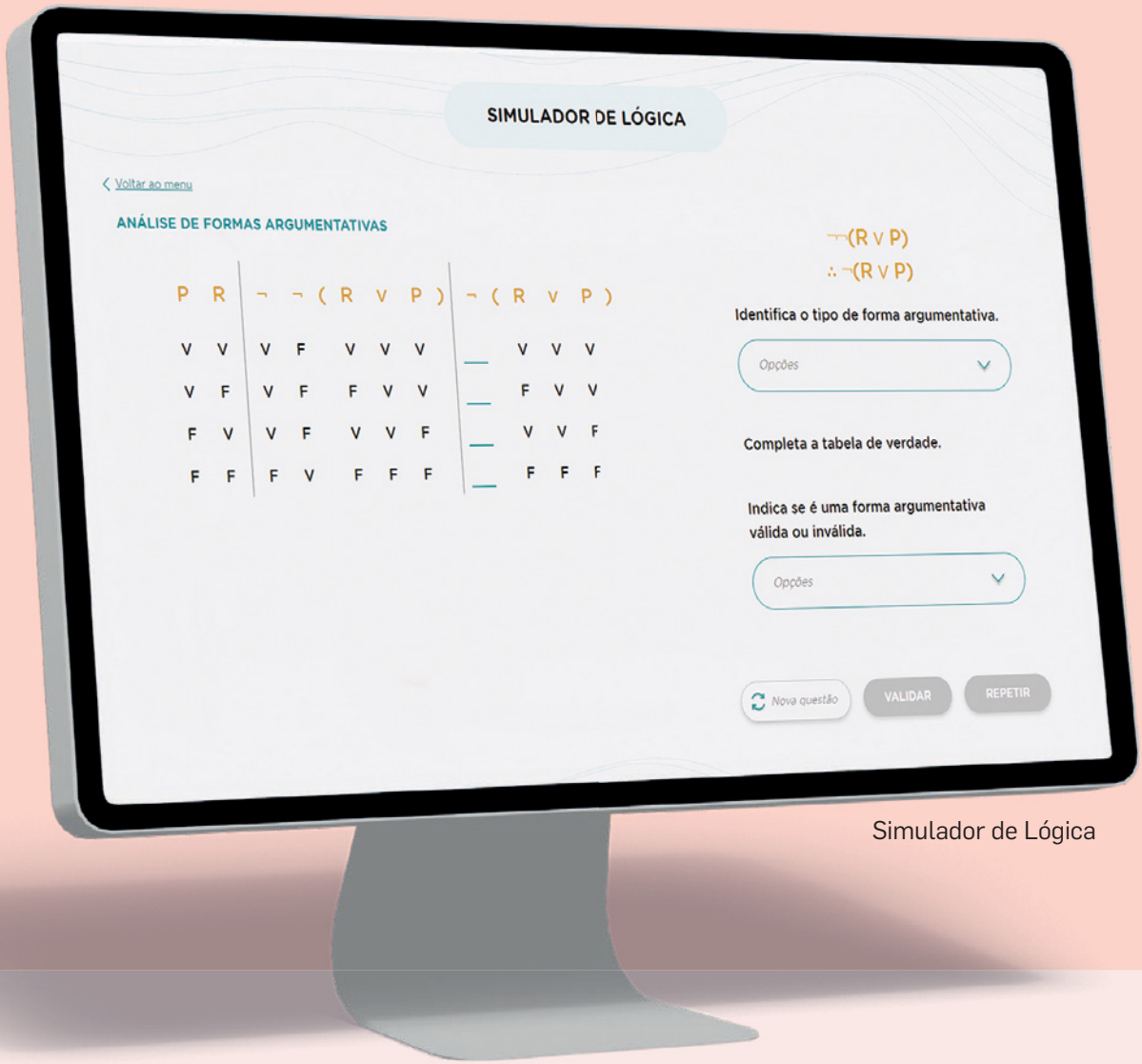
Na Aula Digital encontra:

➜ Recursos digitais para todos os conteúdos:

- integrados no manual digital
- acessíveis na área do projeto

➜ Recursos digitais para todos os momentos:

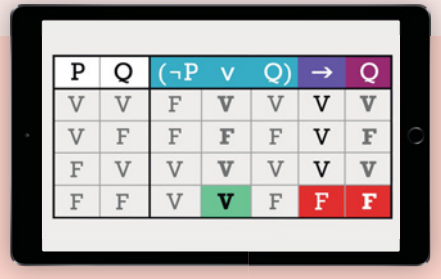
- apresentação de conteúdos
- consolidação e treino
- avaliação



Simulador de Lógica

Animações de dilemas morais

Vídeos interativos sobre falácias informais



P	Q	(¬P	v	Q)	→	Q
V	V	F	V	V	V	V
V	F	F	F	F	V	F
F	V	V	V	V	V	V
F	F	V	V	F	F	F

Animações tutoriais para determinados aspetos da Lógica

- **Animações da rubrica Situação Inicial**
- **Animações de dilemas morais**
- **Animações tutoriais para determinados aspetos da Lógica**
- **Atividades para praticar**
  - Quadrado da Oposição
  - Traduçao
  - Regras de Inferência
  - Lógica informal
  - Acervo de questões de escolha múltipla
- **Simulador de Lógica**
  - análise de formas proposicionais
  - análise de formas argumentativas
  - completação de formas argumentativas
- **Vídeos interativos sobre falácias informais**
- **Apresentações PPT**
- **Banco de imagens**
  todas as imagens por capítulo e respetivas questões de exploração, para apoiar a apresentação dos conteúdos e momentos de debate na sala de aula
- **Banco de esquemas interativos**
  todos os esquemas do manual em formato interativo para permitir a exploração em sala de aula
- **Vídeos curtos e *trailers* de filmes**
  (legendados em português) da rubrica Visona
- **Testes interativos com correção automática**
  (testes para o aluno e testes exclusivos do professor)
- **Kahoot**

www.duvidametodica10.te.pt

Texto

Equilíbrio entre clareza e rigor

Análise e debate de casos concretos, evidenciando a aplicabilidade da Filosofia às questões da vida

Discurso inteligível para os alunos

Diversidade de recursos

Imagens relevantes

Estrutura intuitiva

Instrumentos facilitadores da compreensão

Exercícios frequentes

Amostra não comercializável 6006585

Saiba mais

www.duvidametodica10.te.pt

LeYa EDUCAÇÃO
www.leyaeducacao.com